

APOSTILA DE CHACRAS E MEDIUNIDADE

NOÇÕES BÁSICAS SOBRE OS CHAKRAS

CHAKRAS E NADIS - Chakra é a denominação sânscrita dada aos centros de força existentes nos corpos espirituais do homem; também são chamados lótus ou rodas. Quando eles estão inativos assemelham-se a rodas; quando despertam, eles tomam a aparência de uma flor (lótus) aberta, irradiante, colorida pela freqüência da energia das pétalas (1).

No Mundaka Upanishad define-se o chakra como o local "onde os nadis se encontram como os raios no cubo de uma roda de carruagem". Os centros são formados pelo encontro destas linhas de força (nadis), do mesmo modo que os plexos, no corpo físico, são formados pelo encontro de nervos. Existem centros maiores, aqueles que resultam do encontro de um número maior de nadis (vinte e uma vezes, segundo Coquet) e os centros menores em que a confluência dos nadis é menor (2). Entre estes últimos existem vinte e um (21) formados pelo encontro de quatorze (14) nadis e outros bem menores formados pelo cruzamento de sete (7) nadis.

NADIS E MERIDIANOS - Os nadis são, portanto, linhas de força que não devem ser confundidas com os nervos do corpo físico, embora estejam em relação a eles como os chakras com os plexos e órgãos do corpo físico. São condutores de energia. Os estudos de Motoyama indicam que eles podem ser comparados aos meridianos sobre os quais trabalha a acupuntura. Esta é também a opinião de Coquet.

No corpo etérico, denominado também pelos teosofistas de corpo físico invisível, porque nasce com o corpo físico e com ele desaparece, os nadis se apresentam como se fossem milhares de finos filamentos de gás néon, entrecruzando-o em toda sua extensão (3). O número deles difere na literatura hindu, pelo que se atribui um caráter esotérico às quantidades apontadas: 72.000, 550.000, 720.000, etc. Os mais importantes são o Sushumna, Ida, Pingala, Gandhara, Hastajihva, Kuku, Sarasvati, Pusha, Sankhini, Payaswini, Varuni, Alambhusha, Vishvodhara, Yasasvini. Os três primeiros são os mais importantes, sendo que o Sushumna domina a todos os demais.

IDA, PINGALA, SUSHUMNA - Para que se possa ter uma noção desses três nadis ao longo da coluna vertebral, tomemos uma série de números "8" e os coloquemos em posição horizontal, empilhando-os ao longo da coluna vertebral; teremos então uma figura semelhante às serpentes no caduceu de Mercúrio. O nadi que sobe pela esquerda é Ida; o da direita Pingala; não estão porém dispostos de forma paralela, eles entrecruzam-se como nos referimos acima (4). No centro corre um canal: é o nadi Sushumna. Ao longo da coluna vai formando uma série de confluências, das quais a mais importante é a existente no chakra frontal, onde desembocam. Ida e Pingala estão sempre ativos, mas o Sushumna permanece inativos, pois o prana ainda não circula através dele (5).

No interior do Sushumna acham-se três outros nadis o Vajna, Chitrini, dentro do qual se encontra o Brahma nadi, ao longo do qual se elevará a energia Kundalini.

NADI = NATUREZA - Coquet esclarece que: "Cada nadi tem uma natureza quántupla e encerra cinco fibras de energia estreitamente ligadas no interior de uma bainha que os recobre. Estes filamentos de energia são unidos uns aos outros em relações transversais." É preciso entretanto notar que cinco tipos de energia formam uma unidade e que, tomados em seu conjunto, eles formam a própria bainha etérica. É, diz-se, através destes cinco canais que correm os cinco pranas maiores, vitalizando assim todo o organismo humano. Não existe uma só parte do corpo que não possua uma rede de nadis subjacente à sua forma.

PRANA - ESPÉCIES - As cinco diferenciações do Prana no corpo humano são:

- PRANA: estende-se do nariz ao coração e influencia particularmente a garganta e a palavra, o coração e os pulmões;

- SAMANA: estende-se do coração ao plexo solar e age, sobretudo, sobre o poder de assimilação do alimento e da bebida. Está deste modo em estreita relação com o estômago;

- APANA: é particularmente ativo desde o plexo solar até a planta dos pés e age sobre os órgãos de eliminação, de dejeção e da geração. Seu poder está pois fortemente unido aos órgãos geradores e eliminadores;

- UDANA: está situado entre o nariz e a parte superior do crânio; está em relação com o cérebro, os olhos e o nariz.

- VYANA: corresponde à soma total das energias prânicas tal como é repartida através de todo o corpo por intermédio de milhares de nadis e nervos, assim como dos canais sanguíneos, das veias e das artérias" (Coquet - Les Çakras - L'anatomie occulte de L'homme, Paris, 1982, p. 43).

CHAKRAS MAIORES - ENUMERAÇÃO - Os chakras maiores são em número de sete:

Denominação:

1. Centro básico ou fundamental
2. Centro sacro ou sexual (genésico)
3. Centro solar ou umbilical
4. Centro cardíaco
5. Centro laríngeo
6. Centro frontal ou cerebral
7. Centro coronário

Em sânscrito

Muladhara

Swadhisthana

Manipura

Anahata

Vishuddha

Ajna

Sahashara

Além destes, alguns outros são destacados nos estudos sobre chakras: o centro esplênico (do baço), "uma parte espiritual no interior do coração físico" (6), o Alta-maior e o Bindu. O número de chakras médios e menores é muito grande; daí alguns afirmarem que é infinito o número dos chakras.

A enumeração varia por diversos motivos.

Leadbeater ("Os Chakras", Ed. Pensamento) põe de lado o centro sexual (sacro) por "entender que o despertar deste centro deve considerar-se como uma desgraça pelos graves perigos a ele relacionados", mencionando que "no plano egípcio de desenvolvimento se tomavam esquisitas precauções para evitar tal despertar" (vide também - "A vida oculta da Maçonaria", Pensamento). Por isto, prefere estudar, em seu lugar, o chakra do baço (esplênico). Edgard Armond, embora assinale o sacro (genésico) além do esplênico, ao tratar da reativação dos chakras não o inclui esclarecendo que - "essa passagem não só é suprimida pela sua diminuta influência na aplicação dos passes, mas sobretudo pelos graves e notórios viciamentos existentes no setor do sexo, pois seria maléfica, em todos os casos, a excitação desse centro de força" ("Passes e Radiações", Editora Aliança Espírita Evangélica) (7).

A enumeração também varia de acordo com os sistemas adotados em relação aos centros. Nos sistemas tibetanos de meditação, bem como na concepção budista dos centros psíquicos, o sagrado não é considerado como centro independente, porém se acha combinado com o fundamental a formar um só centro (Anagarika Govinda, "Fundamentos do Misticismo Tibetano", Pensamento). André Luiz ("Entre a Terra e o Céu", FEB) não menciona o chakra fundamental, incluindo, no entanto, o esplênico. No Yoga tibetano, por outro lado, o centro frontal e o coronário são considerados como um só, e assim são mencionados nas escrituras (Anagarika Govinda, op. cit., pp 151/152). A escola japonesa Shingon omite o centro sagrado; indica, porém, o centro das espáduas e os dois centros situados à altura dos joelhos (Coquet, op. cit., pp 14/15). O Shat-chakra-Nirupana ("Descrição dos seis centros") considera o coronário como de ordem mais elevada do que os simples chakras. O Espírito White Eagle nomeia entre os sete chakras principais o esplênico, mas omite o muladhara como centro independente, indicando, porém, o genital ou sacro a que denomina de kundalini.

LOCALIZAÇÃO DOS CHAKRAS - Os centros se acham situados nos vários corpos espirituais; temos assim centros etéricos, astrais, etc. Leadbeater faz sempre referência aos etéricos, mencionando no entanto os astrais (op. cit., cap. IV). Satyananda estuda-os no corpo astral, do mesmo modo que o Espírito André Luiz (8). Estas diferenças devem ser levadas em conta, porque uns são construídos com matéria etérica e outros com matéria astral, etc..

Os chakras etéricos estão situados na superfície do duplo etérico (cerca de seis milímetros da superfície do corpo físico). Os centros astrais estão geralmente situados no interior do corpo astral (Powell e Leadbeater).

Os chakras etéricos transferem para o físico as quantidades inerentes aos chakras astrais. Por outro lado, determinados fatos físicos repercutem pelos chakras etéricos até os chakras astrais alterandoos, de modo que numa próxima encarnação esta alteração se expressará em forma de desequilíbrio ou enfermidade (9). As viciações mentais provocam também graves alterações nos centros de força.

INFLUENCIAÇÃO RECÍPROCA DOS CHAKRAS - Destaca Pierre Weil que os chakras não estão isolados uns dos outros; eles mantêm uma influenciação recíproca. Os chakras inferiores retêm o homem na vida animal, propiciando-lhes no entanto as energias necessárias à sobrevivência, enquanto os superiores buscam acelerar a evolução do indivíduo ("Fronteiras da Evolução e da

Morte", Vozes, p. 69). No Yoga se afirma que cada chakra é constituído metade dele mesmo e metade dos seis chakras restantes. As características funcionais de um chakra seriam assim influenciadas pelos outros chakras (vide para maiores detalhes, Pierre Weil, op. cit.).

CHAKRAS, FORMAÇÃO DO CORPO ASTRAL E EVOLUÇÃO - Os chakras são responsáveis pela formação do corpo espiritual. É o que ensina André Luiz ao dizer que "vibrando em sintonia uns com os outros, ao influxo do poder diretriz da mente estabelecem, para nosso uso, um veículo de células elétricas, que podemos definir como sendo um campo eletromagnético, no qual o pensamento vibra em circuito fechado" ("Entre a Terra e o Céu", p. 126). Esta também é a opinião emitida por Coquet - "... os centros são as causas primárias na formação e na construção do templo do homem ou, em outros termos, do mecanismo da alma. É, pois, normal constatar as dificuldades que têm as glândulas endócrinas de se adaptarem aos ritmos que lhes impõe a consciência objetiva em curso da evolução e particularmente neste século rico de novidades. Mas isto faz parte do plano de evolução e cada um deve estar consciente disso. À medida que a natureza emocional se desenvolve e o intelecto torna-se mais ativo, os centros correspondentes tornam-se igualmente mais ativos e pode-se observar a emergência de determinadas perturbações. Tomemos o exemplo do centro laríngeo que, em se desenvolvendo, arrasta consigo uma crescente atividade do intelecto e determina assim uma grande complexidade do pensamento: nós veremos a aparição de perturbações de ordem psicológica. Cada centro determina pois um número bem preciso de perturbações inerentes à qualidade de sua energia respectiva" (op. cit., p. 85).

CENTROS DE CONSCIÊNCIA - Os chakras não são simples centros energéticos, mas também centros de consciência. Esclarece a respeito Anagarika Govinda:

"Enquanto que de acordo com as concepções Ocidentais o cérebro é a sede exclusiva da consciência, a experiência yogue mostra que nossa consciência cerebral é apenas "uma" entre muitas formas possíveis de consciência, e que esta, de acordo com suas funções e natureza, pode ser localizada ou centralizada em vários órgãos do corpo. Estes "órgãos" que coletam, transformam e distribuem as forças que fluem através deles são chamados de chakras ou centros de força. Deles irradiam correntes secundárias de força psíquica, comparáveis aos raios de uma roda, às varetas de um guarda-chuva, ou às pétalas de um lótus" (op. cit., p. 145).

Depois de destacar que os chakras são pontos nos quais as forças psíquicas do corpo se interpenetram, situando-se a sede da alma nos pontos em que o mundo exterior e interior se encontram (Novalis), conclui:

"Por isso, podemos dizer que cada centro psíquico nos quais nos tornamos cômicos desta penetração espiritual torna-se a sede da alma, e que pela ativação ou despertar das atividades dos vários centros nós espiritualizamos e transformamos nosso corpo" (idem p. 145/146).

Jung considera-os também centros de consciência: "uma espécie de graduação de consciência que vai desde a região do períneo até o topo da cabeça" ("Fundamentos de Psicologia Analítica", Vozes, 1972, p. 26). Miguel Serrano registrou uma conversação tida com Jung sobre os chakras: "Os chakras, diz Jung, são centros da consciência e Kundalini, a Serpente Ígnea, que dorme na base da coluna vertebral, é uma corrente emocional que une de baixo para cima e também de cima para baixo" ("O Circulo Hermético" - Hermann Hesse a C. G. Jung, Ed. Brasiliense, 1970, p. 71).

E reafirmou na conversação:

"Os chakras são centros de consciência. Os inferiores são centros de consciência animal. Existem outros centros ainda abaixo do Muladhara" (p. 72) (10).

Este ponto de vista também foi sustentado em um seminário ("Hauers Seminar. Psychological commentary by C. G. Jung", Zurich, 1932, exemplar datilografado, Bibliothèque de Jung - cit., por Pierre Weil, "Mística do Sexo", E. Itatiaia, pp. 104/105 e 113). Jung observa que na história da humanidade, o centro da consciência sofreu variações e, ainda agora, existem tribos como dos Pueblos que situam no coração o centro de consciência ("Fundamentos", pp. 06 e 07). Os ensinamentos esotéricos também indicam que as várias raças-mãe desenvolveram determinados centros preferentemente (Coquet, op. cit., pp. 35/37).

Jung interpreta estes vários centros assinalando o grau de consciência de cada um deles:

Centro Fundamental - Mundo dos instintos. Consciente.

Centro Sacro - Entrada no Inconsciente. Novo nascimento. Batismo.

Centro Umbilical - Emoções. Paixões. O Inferno.

Centro Cardíaco - Começo do Self. Sentimento. Pensamento e valores. Individuação.

Centro Laríngeo - Reconhecimento da independência da psique.

- Pensamento abstrato. Conceitos; produtos da imaginação.

Centro Frontal - União do Self no todo, não no ego.

Centro Coronário - Nirvana.

(cit. por Pierre Weil, "Mística do Sexo", pp 104/105).

A referência aos chakras como centros de consciência permite-nos entender uma passagem de "O Livro dos Espíritos", aparentemente defasada no tempo, mesmo na época de sua recepção. No item 146, Allan Kardec registrou o ensinamento dos Espíritos sobre a sede da alma:

"146. A alma tem, no corpo, sede determinada e circunscrita?

- Não; porém, nos grandes gênios, em todos os que pensam muito, ela reside mais particularmente na cabeça, ao passo que ocupa principalmente o coração naqueles que muito sentem e cujas ações têm todas por objeto a humanidade.

a) Que se deve pensar da opinião dos que situam a alma num centro vital?

- Quer isso dizer que o Espírito habita de preferência essa parte do organismo, por ser aí o ponto de convergência de todas as sensações. Os que a situam no que consideram o centro da vitalidade, esses a confundem com o fluído ou princípio vital. Pode, todavia, dizer-se que a sede da alma se encontra especialmente nos órgãos que servem para as manifestações Intelectuais e morais."

Naturalmente que, do ponto de vista físico, na época de Kardec já se considerava o cérebro como a sede do pensamento, pelo que não havia razão para referência ao coração, como sede da alma, nem à outra parte do organismo físico. A referência, portanto, era aos chakras localizados à altura do coração ou à altura do cérebro, com suas ligações correspondentes, centros de ligação preponderante da alma ao corpo físico.

Segundo André Luiz, as três regiões fundamentais no processo de liberação da alma (e conseqüentemente de ligação do perispírito ao corpo físico) são: "o centro vegetativo ligado ao

ventre, como sede das manifestações fisiológicas; o centro emocional, zona dos sentimentos e desejos, sediado no tórax, e o centro mental, mais importante por excelência situado no cérebro" ("Obreiros de Vida Eterna", FEB, 1956, p. 210). Isto significa que o perispírito está mais ligado a determinadas regiões. Anota Alice Bailey que na humanidade comum o centro laríngeo está começando a despertar (Jung dizia que o europeu pensa pela garganta, Miguel Serrano, op. cit., p. 71), enquanto os centros cardíaco e coronário dormem. Mas, - "No ser humano altamente evoluído, no líder da raça, o filósofo intuitivo e o cientista, assim como nos grandes santos, o centro coronário e o cardíaco começam a fazer sentir sua vibração; determinase a prioridade do coronário e do cardíaco pelo tipo de pessoa e pela qualidade de consciência emocional e mental" ("El alma y su mecanismo", Kier, B. Aires, 1967, pp. 110/1).

A observação coincide com o ensino constante do Item 146 do "Livro dos Espíritos".

CHAKRAS E MEDIUNIDADE - Uma experiência interessante às vezes é registrada nas reuniões mediúnicas - alguns Espíritos ao se comunicarem o fazem através do chakra solar (umbilical), porque o médium psicofônico, embora emitindo a voz pela boca, sente como se ela estivesse saindo a partir da região onde se localiza o umbigo (a observação, por enquanto, limitou-se a casos de Espíritos necessitados).

A comunicação mediúnica se opera com o auxílio dos chakras, e quanto maior o número de chakras envolvidos na ligação, maior a sua perfeição. Quando esta ligação não se faz como seria de desejar, a comunicação se dará através de comunhão mental, reduzida ao mínimo a influência sobre os centros neuropsíquicos (11).

André Luiz destaca a atuação dos centros na comunicação mediúnica, em se referindo, no livro "No Mundo Maior" (FEB), à mediunidade de Eulália, médium em desenvolvimento:

"No entanto, o nosso antigo médico não encontra em sua organização psicofísica elementos afins perfeitos: nossa colaboração não se liga a ele através de todos os seus centros perispirituais; não é capaz de elevar-se à mesma frequência de vibração em que se acha o comunicante; não possui suficiente "espaço interior" para comungar-lhe as idéias e os conhecimentos; não lhe absorve o entusiasmo total pela Ciência, por ainda não trazer de outras existências, nem haver construído, na experiência atual, as necessárias teclas evolucionárias, que só o trabalho sentido e vivido lhe pode conferir" (palavras do Espírito Calderaro).

Esclarece André Luiz que em vista disto só através da boa vontade o Espírito comunicante e Eulália podiam comunicar-se, e, por isto, o médico teria que despir-se da nomenclatura e técnica científicas se quisesse identificar-se com a médium. Para isso teria de adotar a "comunhão mental, reduzindo ao mínimo a influência sobre os centros neuropsíquicos" (op. cit.) (12).

A EXISTÊNCIA DOS CENTROS - Ainda que toda literatura clássica do hinduísmo dê por assentada a existência dos centros, encontramos opiniões isoladas negando-lhes a realidade.

Gopi Krishna sustenta a sua inexistência por não se ter deparado com nenhum deles durante a aventura vivida com o despertar da Kundalini ("Kundalini", Ed. Record, p. 196). Para ele a existência dos chakras foi sugerida como uma forma de ajudar o discípulo a concentrar-se, chamando sua atenção para "os pontos mais sensíveis e mais suscetíveis aos efeitos dos centros cerebrais e nervosos, bem como para simbolizar a castidade". Esclarece que ele nunca se dedicou ao yoga tântrico, no qual a prática de pranayana e a meditação nos centros nervosos são essenciais; se o tivesse feito, com a convicção na existência dos lótus, teria confundido "as luminosas formações e discos incandescentes de luz, ao longo da medula espinhal, nas diversas junções nervosas, por chakras ou lótus, e no meu estado de imaginação excitada teria sido levado inclusive a perceber de forma bem viva, as letras sânscritas e as deidades que presidem cada chakra, sugeridas pelas imagens já presentes em minha mente" (op. cit. p. 197).

Pode-se de imediato verificar que a reserva de Gopi Krishna a respeito dos chakras é devido a não ter visualizado os chakras na forma descrita pelas escrituras hindus, em que cada um deles aparece com um pecíolo mandálico, arrodado de pétalas com letras sânscritas, contendo no seu interior uma forma geométrica (Yantra), um animal (nos quatro primeiros), duas divindades (uma masculina e outra feminina) e uma letra sânscrita (bija mantra). Ele viu os chakras, portanto, o que ele não percebeu foram os detalhes existentes nas escrituras hindus.

É evidente que isto não seria o bastante para descartar a realidade dos chakras. Leadbeater, por exemplo, não encontrou tais alegorias e, por isto, manifesta a opinião de que "os desenhos traçados pelos yogues hindus para o uso de seus discípulos são sempre simbólicos, e não guardam relação com o efetivo aspecto do chakra, exceto a indicação da cor e o número de pétalas" (op. cit., p. 115). No entanto, atesta a existência dos chakras com o pecíolo central e as pétalas. Se lermos os trechos de Gopi Krishna, verificamos que, em realidade, ele se deparou com os chakras: "as luminosas formações e discos incandescentes de luz, ao longo da medula espinhal, nas diversas junções nervosas". Acontece que, como sua experiência ocorreu com repercussões sobre o corpo físico muito evidentes, tomou ele tais discos apenas como resultantes das junções nervosas, já que não percebia os símbolos da literatura hindu, sem atentar que exatamente nestas junções (plexos) localizam-se no duplo os chakras etéricos. No entanto, a descrição que dá dos discos é precisa quanto aos chakras - "... discos luminosos girando, enfeitado com luzes, ou lembram flores de lótus em plena florescência, reluzindo aos raios de sol. O círculo de incandescência irradiante envolvendo a cabeça, tingindo às vezes com cores do arco-íris, e sustentado pela estreita faixa de luz que se move em ascensão ao longo do dueto espinhal, também ostenta uma inconfundível semelhança com um lótus em florescência. (...) Assemelha-se de fato a um deslumbrante lótus de brilho extraordinário, tendo milhares de pétalas a denotar suas dimensões avantajadas." (op. cit. 196/197)

OS SÍMBOLOS DOS CHAKRAS NA OPINIÃO DE MOTOYAMA - A respeito dos símbolos indicados no Shat-chakra-Nirupana é de interesse conhecer a opinião de Hiroshi Motoyama. Afirma o pesquisador japonês que, em sua própria experiência de despertamento dos chakras, ele nunca pode perceber os símbolos referidos (op. cit., p. 238). Apesar disto, ele está convicto de que não são apenas meros símbolos, mas que há uma realidade neles. Transcrevemos alguns parágrafos da obra pela importância das experiências relatadas a respeito.

"Superficialmente, estes detalhes podem parecer ser meras representações simbólicas, ou talvez figuras que podem ser visualizadas para facilitar a meditação. Contudo, os relatos de muitas pessoas que têm experimentado o treinamento espiritual comprovam muitos dos detalhes descritos aqui (no Shat-chakra-Nirupana). Por exemplo, indivíduos que se concentram nos chakras muladhara ou swadhisthana - mesmo aqueles que não possuem qualquer conhecimento anterior do simbolismo do chakra - freqüentemente relatam o brilho semelhante a uma chama seja em redor do períneo ou abaixo do umbigo. Isto pareceria corresponder às pétalas vermelhas que esses dois chakras, segundo se diz, possuem. Eu achei plausível que as cores designadas de cada chakra possam representar a coloração de sua aura na dimensão astral, e que os outros símbolos possam ter realidade".

"É de particular interesse aqui a experiência de minha mãe, uma personalidade religiosa bem respeitável e altamente evoluída. De seus 20 a 30 anos ela praticou-o ascetismo da água freqüentemente no fundo das montanhas. Durante esta prática ela muitas vezes viu em redor de seu coração um caractere como de um barco invertido circundado por brilhante luz dourada. Quando ela perguntou-me pela primeira vez o que era, eu não soube, mas um ano ou dois mais tarde eu comecei a estudar Sânscrito e li este Shat-chakra-Nirupana. Eu compreendi imediatamente que o "barco invertido" que ela descreveu não era outra coisa do que o "YAN", o bija mantra do chakra anahata. Além disso, a luz dourada que ela percebeu está provavelmente relacionada ao triângulo dourado localizado dentro do bija (veja a figura do chakra Anahata,

segundo as escrituras hindus, na obra de Leadbeater - "Os Chakras"). Em seu livro Os Chakras, o Rev. C. W. Leadbeater, também descreve o anahata como brilhando com uma cor dourada".

"Por conseguinte, em minha opinião, as descrições dos chakras no Shat-chakra-Nirupana são mais do que meras representações simbólicas. Eu estou de acordo com Swami Satyananda Sarasvati, que declara em seu Tantra of Kundalini Yoga, que existem numerosos mundos além da nossa consciência comum nas dimensões astral e causal onde estas figuras geométricas, cores e sílabas podem realmente existir. Sem dúvida, muitos detalhes iconográficos, bem como as habilidades paranormais e estados mentais descritos aqui (no Shat-chakra-Nirupana) como associados com cada chakra, correspondem exatamente com a experiência de vários ascetas de muitas religiões em todas as partes do mundo" (op. cit., pp. 183/184; vide também pp. 238/239).

CLARIVIDÊNCIA - Com isso não se quer afirmar que na vidência e na sua interpretação não possa haver condicionamento à sua crença. As visões são sempre "coadas" através do vidente, e cada vidente, além do seu ângulo personalíssimo de "ver", de conceber o mundo, é também o produto de uma determinada cultura e de seu determinado momento histórico. O que se vê objetivamente passa pelo crivo da subjetividade do vidente. Acrescente-se a isto a Interpretação do objeto, isto é, da visão, exatamente a parte mais difícil, porque aí se torna necessário distinguir fatos observados e projeções mentais de encarnados ou desencarnados captáveis pelo médium.

Ocorre, evidentemente, um condicionamento à crença na vidência, o que determina, como conseqüência, seja a visão percebida e interpretada de acordo a ela. Preleciona Emmanuel que "como acontece na alimentação do corpo, a visão, no campo da alma, é diferente para cada um" ("Clarividência, in Seara dos Médiuns", FEB, p. 47). Na vidência há de distinguir-se, como dissemos acima, o que de fato se passa no momento das projeções mentais, que podem ter distintas origens. A recepção de umas e outras subordinam-se ao continente mental que traduz o captado em termos visuais.

Na obra de Tereza de Jesus e de Juan de La Cruz, duas almas cuja grandeza é indiscutível, anotamos, por exemplo, a visão da Trindade. Em uma das vezes em que celebrava a missa, afirmou Juan de La Cruz ter visto as Três Pessoas em uma nuvem muito resplandecente (M. Teixeira Penido, "O Itinerário Místico de São João da Cruz", Vozes, 1954, p. 61). Não há uma descrição pormenorizada da visão, de modo a que nos possibilite a compreendê-la fora do contexto católico, porém uma observação feita por Juan de La Cruz a Ana de Santo Alberto nos permite avaliar o observado. Dizia ele que em companhia daquele mistério se encontrava tão bem que "sem particular auxílio do céu, ser-lhe-ia impossível continuar em vida" (op. cit., pp. 611/62). Ramakrishna fazia observação semelhante referindo-se ao samadhi, com o florescimento do lótus de mil pétalas, onde mora o Satchitdananda Shiva, o Absoluto, afirmando que o indivíduo não resistia mais de 21 dias após esse fato ("El Evangelio de Ramakrishna", tomo II, pp. 16 e 173). Só o desejo de servir poderia manter "o ego do Conhecimento" ou "o ego da Devoção", evitando a morte. Naturalmente que, por isto, o período mencionado não é fatal; busca-se avisar o praticante dos perigos de uma subida de Kundalini sem os cuidados necessários e sem o suporte físico para suportá-lo. O que importa, no caso, é perceber que os efeitos da "experiência", tanto para Juan de La Cruz como para Ramakrishna eram os mesmos, o que demonstra a igualdade de valor do objeto percebido.

Pierre Weil ao reportar-se às extraordinárias experiências de Muktananda comparando-as com as de Juan de La Cruz e Tereza de Jesus, comenta:

"Eles também descrevem esses estados de consciência e visões parecidas, porém dentro do contexto cultural cristão. Tudo indica que a fonte de experiência é a mesma; porém a mensagem vem dentro de uma codificação cultural ao alcance de cada pessoa; essa codificação é feita por esse "campo informacional" do qual falam os russos" ("A revolução Silenciosa", Pensamento, p. 171).

A mesma visão pode ser diferentemente percebida. Se o indivíduo é cristão a visão de uma

Entidade feminina de alta hierarquia pode ser percebida como a de Maria, mas se ele é hindu reportar-se-á a Shakti, a Mãe Divina. Mirra Alfassa, a Mãe do Ashram de Sri Aurobindo, escreveu umas certas palavras a respeito (13).

É certo que há experiências espirituais que sobrepõem a toda a espécie de condicionamento mental, quando o vidente se sobrepõe a este. Eis, por exemplo, os fatos descritos por Swami Nikhilananda, na Introdução ao 32 vol. de "El Evangelio de Sri Ramakrishna":

"Sri Ramakrishna ficou fascinado pela vida e ensinamentos de Jesus. Certo dia, estando sentado na sala da casa de campo que Yadú Maldick possuía em Dakshineswar seus olhos se fixaram em um quadro da Virgem e do Menino. Mirando-o com intensa atenção ficou pouco a pouco embargado por uma divina emoção. As figuras do quadro tomaram vida e os raios de luz que delas emanaram entraram em sua alma. O efeito dessa experiência foi mais forte que a da visão de Maomé. Consternado exclamou: "Oh! Mãe (referindo-se à deusa Kali), que estás fazendo?" E rompendo as barreiras do credo e de religião, entrou em um novo reino de êxtase. Cristo tomou posse de sua alma. Por três dias não pisou no templo de Kali. Na tarde do quarto dia, enquanto estava caminhando no Panchavati, viu acercar-se-lhe uma pessoa de formosos e grandes olhos, expressão serena e tez clara. Ao encontrar-se os dois, ressoou uma voz no mais fundo da alma de Sri Ramakrishna: "Eis aqui o Cristo, quem verteu o sangue de Seu coração para redimir ao mundo; quem padeceu um mar de angústia por amor da humanidade. Mestre de Yogues, Ele está em permanente união com Deus. É Jesus, Amor Encarnado". O filho do homem abraçou o Filho da Divina Mãe e se confundiu com ele. Sri Ramakrishna experimentou sua identidade com isto, como já havia experimentado sua identidade com Kali, Rama, Hanumám, Radha, Krishna, Brahma e Maomé. O mestre entrou em samadhi e em relação íntima com Brahma dotado de atributos" (p. 441 vide também Swami Vijayananda Ramakrishna, "Deus Homem", Ed. Vedanta, p. 41).

CHAKRA FUNDAMENTAL (básico) - É denominado em sânscrito de Muladhara (Mula = raiz; adhara = suporte) ou apenas de Adhara. Acha-se situado à altura da base da coluna vertebral. É formado de quatro (4) pétalas em forma de cruz: a 15 representa o desenvolvimento do reino mineral, a 25 do vegetal, a 34 do animal e a 45 do hominal. Powell e Leadbeater indicam a cor das pétalas como sendo de "ígneia cor vermelha alaranjada"; Michel Coquet - fogo alaranjada; Aurobindo - vermelha; Tara Michael - carmesim. Nos livros Schat-chakra-Nirupana e Síva Samhita vermelho.

Na representação yogue deste chakra vê-se um pericárdio em forma mandálica enfechando um quadrado (yantra) de cor amarelo ouro. As pétalas que envolvem o pericárdio são de um vermelho escarlate. A sílaba sagrada (bija) no meio do chakra é "Lan". O animal é um elefante branco.

Neste chakra se encontra adormecida a energia básica, denominada, em sânscrito, Kundalini. Ensina Coquet: "A humanidade em geral é sobretudo controlada pela vontade de viver e existir; está ali um aspecto de sua consciência que controla e organiza toda sua vida, e produz também isto que nós conhecemos sob o nome de reencarnação. E, do modo que o princípio de vida firma-se no coração, do mesmo modo a vontade instintiva e inconsciente de existir está localizada na base da coluna vertebral" (op. cit., p.54).

É extremamente perigoso o desenvolvimento deste chakra. Exige uma disciplina dos corpos físico, emocional e mental durante uma série de reencarnações, uma moral rigorosa.

"O aspecto vida domina pois quase inteiramente o centro coccígeo, tendo este por principal função participar na formação do veículo físico. É esta a razão pela qual toda a energia do centro coccígeo está centrada na procura do desenvolvimento e da perfeição ao nível do corpo denso" (Coquet, op. cit., p. 55).

O centro fundamental é responsável pela força e vida das glândulas supra-renais, colocadas na parte superior de cada rim, ao nível da primeira vértebra lombar, que segregam importantes

hormônios: a córtico-supra-renal segrega adosterona, o cortisol e andrógenos, a medula supra-renal segrega a adrenalina.

Existem chakras mais baixos subordinados, todos eles, ao centro básico, localizados entre o cóccix e os calcanhares, controlando os instintos animais. São Atala, na planta do pé; Vitala, no dorso do pé; Nitala, na articulação superior da perna com o pé; Sutala, no joelho; Mahatala, na parte inferior da coxa; Rasatala, na parte superior da coxa; Talatala, na parte média da coxa. (Uttara-Gitta - II, 26 e 27).

O Uttara-Gitta descreve o Muladhara como:

"O Patala, onde as cobras vivem enroscadas abaixo do umbigo, é o lugar conhecido com o nome de Bhogindra. Este lugar, terrível como o dia do juízo final e como o ardente inferno, tem também o nome de Mahapatala. O eternamente denominado Giva, manifesta-se nesta esfera em serpentina roda, semelhante a um círculo".

No Muladhara se encontra a base do Sushumna radi; ali está o lugar de reunião (kanda) da raiz de todos os nadis. Nesse centro localiza-se também o nó Brahma, o 1º nó a impedir a subida de kundalini. Os outros dois se encontram no centro cardíaco - o nó de Vishnu; e no frontal - o nó de Rudra ou nó de Shiva.

CENTRO ESPLÊNICO (do baço) - Ele não é incluso nas escrituras hindu, entre os sete grandes Chakras, Leadbeater, Powell e Coquet incluem-no, no entanto, ao lado dos demais em seus estudos. Por sua vez, André Luiz o inclui na relação que dá dos mais importantes chakras do perispírito.

Encontra-se localizado um pouco acima do centro sacro à altura do baço e tem a função de especializar, subdividir e difundir a vitalidade oriunda do sol (Leadbeater). Em volta do pericarpo estão seis pétalas com as cores vermelha, alaranjada, amarela, verde, azul e violácea. Segundo Coquet, o silêncio que em geral fazem os textos é devido ao fato dele não ter uma função no processo iniciático, permanecendo apenas ligado ao processo vital, canalizando a vitalidade na direção dos demais centros.

"Este centro", diz Coquet, "é o agente mais importante da força inerente à matéria. É o mais importante centro ativo distribuidor de energia. Nele estão colocados em contato a via negativa da matéria (a energia do espírito) e a energia positiva do duplo etérico (Nous ou Prana). Deste modo se produz "a centelha" entre o plano divino e o plano físico, e isto por intermédio do corpo etérico. A vida dinâmica inerente ao oxigênio vitaliza o corpo penetrando a princípio pela cabeça e pelo coração; entretanto uma corrente mais reduzida e ligeiramente diferente entra no corpo físico pelo baço e se eleva em direção do coração para unir-se a outra corrente" (op. cit., p.p. 79 e 80).

"No ser humano", continua adiante, "a energia vital do sol é assimilada pelo centro etérico do baço que é, assim o chamo, a contrapartida do baço físico. Mas o centro receptor principal se acha entre as omoplatas; está situado, precisamente, entre o centro laríngeo e o centro cardíaco, mas fica, entretanto, mais próximo do coração que da garganta. Um terceiro centro está situado ligeiramente acima do plexo solar mas permanece adormecido e inativo, ao menos parcialmente, e isto por causa das condições de vida (poluição) nas grandes cidades" (op. cit., p. 80).

Segundo André Luiz, este centro regula "a distribuição e a circulação adequada dos recursos vitais em todos os escaninhos do veículo de que nos servimos" ("Entre a Terra e o Céu", p. 128), "determinando todas as atividades em que se exprime o sistema hemático, dentro das variações de meio e volume sanguíneo" ("Evolução em dois Mundos", p. 27).

CENTRO SAGRADO - (sacro ou genital) - É denominado no Yoga de Swadhisthana: significa "one is own abode". Isto parece indicar que a morada primitiva de Kundalini situava-se neste chakra, tendo mais tarde descido para o Muladhara. Situado na região lombar, ao nível da parte baixa dos órgãos genitais, é formado de seis pétalas (14).

Leadbeater e o Garuda Purana indicam como cor o brilho do sol; Coquet, Tara Michael, Schatchakra-Nirupana e o Siva Samhita, apontam o vermelhão, e Aurobindo, o vermelho violáceo-escuro.

Na representação yogue deste chakra vê-se uma mandala em cujo interior se encontra um nenúfar com oito pétalas brancas como a neve, acompanhado de uma lua crescente (Xantra), com o bija mantra "Vam" ao centro; no interior da lua existe mais oito pétalas. O animal místico semelhante a um crocodilo é makara.

Do mesmo modo que o centro básico (Muladhara), o sagrado recebe duas correntes particulares, uma proveniente da própria Kundalini e a outra da vitalidade solar. A energia que aí se concentra é de natureza muito material.

Segundo Coquet, "sua função é a conversação da vitalidade que anima e sustenta o corpo físico, como os diferentes órgãos de assimilação. Este centro afeta sobretudo os órgãos genitais ou gônadas, que são a exteriorização física" (op. cit., p. 67). No futuro, ele "deverá ser perfeitamente controlado e a maior parte de suas atividades serão submetidas à vontade e à razão", sendo a energia que alimenta os órgãos sexuais transferida para a garganta, possibilitando um nível mais alto de criação no campo do pensamento e das idéias, como já começa a ocorrer entre os grandes pensadores da humanidade. É este o ponto de vista de Aurobindo:

"A energia sexual utilizada pela natureza para a reprodução é na sua natureza real uma energia fundamental da vida. Ela pode ser utilizada não por uma elevação, mas por uma certa intensificação da vida vital emotiva. Ela pode ser dominada e desviada dos fins sexuais e utilizada para a criação, e a produtividade estética, artística ou outra, ou conservada para elevar as energias intelectuais. Inteiramente dominada ela pode também ser transformada em uma forma de energia espiritual. Era um fato bem conhecido na Índia antiga e chamava-se a conversão de Retas em Ojas pelo Brahmacharya (15). Mal utilizada, a energia sexual conduz à desordem e à desintegração da energia da vida e dos seus poderes" (cit. por Coquet, op. cit., p.p. 76/77).

O descontrole do centro genésico resulta numa exacerbação do prazer sexual, no apego a outro ser ou a objetos, no ciúme e no instinto de posse, na autoproteção. Isto repercute inclusive na vida após a morte. André Luiz destaca o fato de que o descontrole do centro genésico impede o Espírito de uma visão mais ampla da realidade, mesmo em prejuízo da própria pessoa que só enxerga o parceiro sexual, "em vista do apego enlouquecedor aos vínculos do sexo" ("Entre a Terra e o Céu", p.27), perturbações que acabam por eclipsar as qualidades morais já conquistadas.

Satyananda desenvolve interessantes considerações a respeito do Swadhisthana, como centro do inconsciente. Segundo ele, o centro frontal mantém uma conexão com o centro genital, e deste modo mantém sob controle a mente consciente, incluindo o inconsciente coletivo, que é muito mais poderoso que a própria consciência individual. Por isto é que apesar da maior parte das pessoas não se aperceberem do fato, é o inconsciente coletivo quem controla, em grande escala, o comportamento. O centro genital funciona assim como um computador onde são armazenadas as experiências diárias, sejam conscientes ou inconscientes, tenha importância individual ou não. Destarte estariam ali os dados referentes às experiências e o karma que contribuíram para o processo de evolução humana. Há uma parte do karma que existe em potência e outra parte em que ele se encontra atualizado, mas tanto uma quanto a outra só raramente são conhecidas da mente consciente do indivíduo. Agora bem, se a energia vital (Kundalini) é despertada, ela ascende através dos chakras, desencadeando todo o processo de evolução psíquica, de modo que tanto o karma ativo como o inativo expandem-se e afluem à consciência. No entanto, se o indivíduo é incapaz de encarar a tarefa de analisar ou controlar o karma, registrado no centro

genital, a energia se retrai e desce para o muladhara. O centro genital e o karma ali armazenado seriam, para Satyananda, um obstáculo bastante considerável à evolução, espiritual do homem. Daí recomendar o mestre hindu que se procure primeiro despertar o chakra frontal a fim de arredar este obstáculo; é que a superconsciência que reside no centro frontal é totalmente ciente dos trabalhos da mente inconsciente no centro genital, podendo assim controlar o karma desatrelado.

CENTRO SOLAR - (umbilical ou gástrico) - Seu nome em sânscrito é Manipura, isto é, "cheio de jóias". No Tibet é denominado Manipadma, "o adornado com jóias" (Satyananda). Coquet, no entanto, indica as raízes "mani" significando gema flamejante, e "pura", cidade.

Está situado à altura do plexo solar na junção das vértebras dorsais e lombares, alguns centímetros atrás da coluna vertebral. Não se o deve confundir com o plexo solar que é somente um seu reflexo. Segundo Leadbeater, "sua cor predominante é uma curiosa combinação de vários matizes do vermelho, ainda que também que contenha muito do verde. As divisões são alternativas e principalmente vermelhas e verdes" (conf. Powell). Coquet indica-lhe uma cor rosa com uma mistura de verde. Tara Michael di-lo apenas flamejante. Aurobindo - violeta; Satyananda - azul escuro. O Schat-chakra-Nirupana indica-lhe a cor azul; o Siva Samhita a dourada; e o Garuda Purana - o vermelho.

Apesar de lhe serem apontadas de um modo geral dez pétalas, o DhyanaBindu Upanishad e o Sandilya Upanishad referem-se a doze. A exteriorização física encontra-se no pâncreas.

O Manipura é representado como um lótus de dez pétalas de cor cinza plúmbeo com letras em sânscrito em cada uma delas. Dentro do mandala se encontra um triângulo vermelho invertido, com o bija mantra ao centro "Ram".

"A energia solar, ensina Coquet, é uma força de natureza emocional fortemente influenciada pelos desejos e pelos nervos sensitivos do tato. O centro solar é o cérebro pelo qual reage o reino animal; semelhantemente à consciência de uma grande parte das pessoas pouco evoluídas e dos aspirantes sobre a senda está fundamentalmente polarizada no centro solar" (op. cit., p. 84).

Este centro se "responsabiliza pela penetração de alimentos e fluidos em nossa organização" (André Luiz, op. cit., p. 120.; "Evolução em dois Mundos", p. 27).

O centro solar está relacionado em particular com o centro cardíaco, o timo e o centro frontal, ligação que depende em seu funcionamento do seu desempenho satisfatório.

O despertar do centro solar revela uma natureza benevolente e cheia de compaixão. Entre os poderes que disto decorrem estão o domínio sobre o fogo, a habilidade de ver o corpo por dentro, o livrar-se de doenças e a aptidão para enviar o prana ao centro cardíaco; além disto, a concentração sobre o manipura desenvolve a digestão (Satyananda). Leadbeater, por sua vez, assinala que seu despertar condiciona o indivíduo a perceber as influências astrais, distinguindo vagamente sua qualidade, possibilitando a percepção de que existem locais que são agradáveis e outros não, embora sem identificar a causa.

Uma grande parte da energia da natureza emocional e astral se derrama pelo centro solar, devendo cada indivíduo esforçar-se por transmutar esta energia em aspiração, porque por ele é que operam o médium e o vidente (Coquet).

A grande tarefa encontra-se em transferir as energias do centro solar para o cardíaco. Localizado entre os chakras inferiores e os superiores, o solar é um centro de síntese onde se reúnem as energias dos centros inferiores que devem ser elevadas; é o ponto de fusão entre as energias da personalidade e as da alma. O indivíduo pode optar pelo desenvolvimento espiritual, buscando elevar a consciência a níveis superiores ou pode preferir mantê-la unida aos centros inferiores, o que o tornará egoísta, egocêntrico, hipersensível, angustiado, etc. As doenças de fundo emocional,

geralmente causadas pelas frustrações e inibições, encontram nele sua causa. Também os males do estômago, do intestino, as perturbações hepáticas, etc., decorrem de perturbações no centro solar.

O desenvolvimento do centro solar, -como de todos os demais centros, acarreta determinadas perturbações relacionadas com a qualidade da energia respectiva. Por isso Coquet adverte que se faça um esforço consciente com relação ao centro solar e à vida emocional, "a usura e a degradação que surgem predisporão o indivíduo a uma frágil santidade, na verdade inexistente e isto por causa das energias interiores mal dirigidas e sobretudo mal empregadas". (op. cit., p. 85). Torna-se indispensável operar a transferência de energia para o centro cardíaco.

Coquet recomenda que as pessoas cuja consciência ainda está fortemente localizada no centro solar, que se exprime mais pela emoção que pela razão, devem abster-se de exercícios respiratórios e até de exercícios cuja finalidade seja desenvolver faculdades psíquicas: no 1º caso, porque os exercícios respiratórios só fariam intensificar desejos e emoções; no 2º caso, porque o desenvolvimento obtido se prenderá às forças Instintivas de sua natureza menos elevada.

CENTRO CARDÍACO - Em sânscrito é denominado de Anahata (imbatível, inviolado), estando situado entre as omoplatas, ligeiramente à esquerda da espinha dorsal. Satyananda esclarece que ao contrário do coração físico, o espaço astral ocupado por este chakra é vasto e informe.

Possui doze pétalas, correspondendo aos doze raios de sua energia primária. No entanto, o Yoga Kundalini Upanishad aponta-lhe 16 pétalas. Segundo Leadbeater, Powell e Tara Michael, elas seriam de uma brilhante cor de ouro; para Coquet - sua cor é próxima do amarelo ou ouro incandescente; para Aurobindo é o rosa dourado. Satyananda descreve-o como normalmente escuro, tornando-se de um vermelhão radiantemente brilhante quando ativado. O SCHAT-chakra-Nirupana atribui-lhe o vermelhão; o Siva Samhita, o vermelhão escuro e o Garuda Purana, o dourado.

André Luiz indica-o como centro da emoção e do equilíbrio geral ("Entre a Terra e o Céu", p. 128), dirigindo a circulação das forças de bas e ("Evolução em dois Mundos", p. 27).

Ele é representado por um lótus de cor escura com doze pétalas de cor vermelha em torno. No interior do mandala se acham dois triângulos entrelaçados (estrela de Salomão), de cor cinza esfumado. O animal é um antílope negro e o bija a letra "Yam". Ele se torna, quando ativado, de um radiante brilho.

É o centro do amor e diz respeito ao princípio espiritual do ser.

Leadbeater Indica um segundo lótus no coração, abaixo do maior (op. cit., p. 129). Aurobindo, no entanto, em "More Lights on Yoga", traduzido como 32 volume da coleção "A Consciência que vê", afirma:

"Nunca ouvi falar de dois lótus no coração; mas ele é a sede de dois poderes - na frente, o vital mais alto ou ser emocional, atrás, e escondido, o ser psíquico ou alma" (p. 207).

Como função do centro cardíaco, aponta Aurobindo, por isso, o comando do ser emocional superior, da parte mais elevada do vital, com o psíquico profundamente atrás (vide p.p. 203 a 205).

"O centro do coração", ensina Coquet, "terá todas as chances de desenvolver-se harmoniosamente e sem perigo se o neófito, ou o homem em geral, viver tendo em consideração sobretudo os interesses do grupo, cultivando o sentido amplo da fraternidade e da tolerância, amando coletivamente e buscando servir o plano divino sem preocupação de agradar, de ser apreciado ou recompensado". Seria perigoso procurar os poderes criadores do centro laríngeo antes que o despertar do centro cardíaco não tenha começado, adverte ele.

Esta é a atitude natural que procura cultivar o Karma-yoguin, também recomendado pelos instrutores espirituais que supervisionam a elaboração da Doutrina Espírita; encontra-se retratada em todo decorrer da vida do Cristo, que sempre fez referência não só à atuação criadora do Pai, como também ao magistério divino, na revelação da Boa-Nova.

Entre as habilidades que resultam do seu despertar, Satyananda indica:

- a) aquisição do controle do ar;
- b) o despertar de um amor não individualista e cósmico;
- c) desenvolvimento da eloquência e do gênio poético;
- d) aquisição do poder de ter seus desejos satisfeitos;
- e) tornar o sentido do tato tão sutil que pode sentir a matéria astral, através do sentido astral, sensação que pode ser transmitida a outros (o sentido desse chakra é a pele e o órgão ativo, o coração).

Motoyama acrescenta que seu despertar provoca o desenvolvimento do poder de cura psíquica. "Prana pode ser transmitido através das palmas das mãos e dirigido à área doente do corpo de outra pessoa. A técnica bem conhecida da "imposição das mãos" está provavelmente relacionada com o estabelecimento de uma conexão íntima entre o anahata e as mãos. Poderes psicocinéticos também se desenvolvem quando o anahata é despertado" (op. cit., p. 231).

CENTRO LARÍNGEO - Em sânscrito, denomina-se Vishuddha, palavra derivada de "shuddhi", que significa purificar. Situa-se à base e atrás da garganta, na nuca, na junção da espinha dorsal e da medula espinhal alongada, no Sushumna nadi, corresponde à glândula tireóide; estende-se até a medula alongada, envolvendo a glândula carótida, indo na direção das omoplatas, relacionando-se, ainda, com os plexos nervosos da faringe e da laringe.

Possui dezesseis pétalas na periferia, nas quais, segundo Leadbeater, "embora haja bastante do azul em sua cor, o tom predominante é o prateado brilhante, parecido com o fulgor da luz da lua quando roça o mar. Em seus raios predominam alternativamente o azul e o verde" (p. 28). Powell indica-lhe o prateado brilhante com muito azul. Aurobindo cinza; Satyananda - cinza-violeta; Schatchakra-Nipurana - purpúreo escuro; Siva Samhita - ouro brilhante; o Garuda Purana - prateado.

É representado com um lótus transparente com dezesseis pétalas de cor cinza-fumaça (violeta-cinza). No pericárdio se encontra um círculo de cor branca (Yantra) envolvido por um triângulo; no centro está o bija mantra "Ham". O animal é o elefante.

O centro laríngeo tem a função de purificar o corpo, eliminando os venenos provenientes do exterior. A glândula tireóide, que corresponde ao centro laríngeo, tem uma função antitóxica. Além disto, a consciência criadora reside neste centro. É, segundo Aurobindo, "a mente física, a consciência externalizadora expressiva" (op. cit., p. 203). A expressão da verdade, através do pensamento, da palavra e da ação, é feita através do centro laríngeo. Para isto é necessária a harmonia do centro criador ou sagrado com o laríngeo, pois é necessário que as forças daquele tenham sido elevadas ao outro centro criador, o laríngeo (Coquet).

O centro laríngeo é o responsável pela recepção das ondas telepáticas; dali são transmitidas a outros centros. O reconhecimento consciente pode ocorrer nestes últimos, o por isso o indivíduo pode sentir como se os pensamentos de outros estivessem sendo registrados à altura do centro umbilical ou de outros centros.

A respeito, ensina Powell:

"O despertar do centro astral correspondente dá a faculdade de ouvir os sons do plano astral, isto é, a faculdade que no mundo astral produz efeito semelhante ao que denominamos audição do mundo físico".

"Quando o centro etérico está desperto, o homem em sua consciência física ouve vozes que às vezes lhe fazem todas as espécies de sugestões. Pode ouvir música, ou outros sons menos agradáveis".

"Quando funciona plenamente, o homem se torna clariaudiente nos planos etérico e astral" ("Duplo Etérico", p. 63).

CENTRO FRONTAL - (cerebral; lótus medular) - É denominado, em sânscrito Ajna, cujas raízes significam "saber" e "obedecer". Ajna significa "comandar". É, pois, como o nome indica, um "centro de comando".

Localiza-se à altura da raiz do nariz entre os dois olhos, no ponto onde os nadis Ida, Pingala e Sushumna se encontram para formar um único canal que segue em direção ao Sahasrara. Aos olhos do clarividente ele surge no meio da testa. É também a opinião de Aurobindo.

Está dividido em duas partes, cada uma das quais com 48 pétalas (= 96), por isto as escrituras hindus só se referem a duas pétalas. Uma delas, segundo Leadbeater, é de cor rosada, com muito amarelo, enquanto na outra sobressai um azul-purpúreo (correspondentes com as cores vitalidade - prana - que o chakra recebe). Coquet e Powell indicam as mesmas cores. Satyananda – cor cinza (ele destaca que outros autores descrevem-no como transparente). É preciso não esquecer que Satyananda descreve sempre os centros astrais, enquanto Leadbeater, os etéricos. Aurobindo indica-lhes a cor branca.

É representado como um lótus branco resplandescente com duas pétalas. No centro do pericárdio encontra-se um triângulo branco invertido contendo o Itara-Linga luminoso como um cristal e o bija-mantra "Om".

A força vital coletada através dos nadis é distribuída parte para o Sahasrara e parte para os corpos físico, astral e causal.

Satyananda ensina que este centro está conectado com a glândula pineal (epífise). Também Coquet adverte haver uma "interessante relação de forma entre os dois lobos da glândula pituitária, cuja função, especialmente ligada ao mental e aos sistemas nervosos, e por natureza dupla, com os dois lados do centro frontal".

Para Coquet a sua principal função estaria em desenvolver no homem uma verdadeira personalidade, um "ser interior", resultado das encarnações anteriores e de milhares de experiências. Seres que não possuem uma personalidade definida e própria, são apenas estações repetidoras de pensamentos, idéias e aparências alheias, influenciados que são pela publicidade, cinema, leitura, multidão e, acrescentamos, televisão. As pessoas que procuram manter uma aparência (cultura, arte de falar, de vestir-se, etc.) agem ensaiando comportar-se como os que possuem verdadeira personalidade e assim surge o culto, a idolatria, ou simplesmente a procura de um mestre. Isto é efeito da falta de desenvolvimento do centro frontal.

Quando um homem, pelo contrário, observa Coquet, revela um caráter idêntico a si mesmo, calmo, flexível, sereno e simpático, cujo humor é sempre igual e a personalidade atraente, imponente e magnética, está sem dúvida agindo corretamente pelo centro frontal.

Para Aurobindo, este é o centro de comando da vontade, da visão e do pensamento dinâmico.

A concentração sobre o centro frontal é geralmente feita no ponto entre as sobrancelhas. Satyananda adverte que é necessário despertá-lo primeiro que qualquer outro centro. Para ele, este chakra tem o poder de dissolver o karma, auxiliando com isto a diminuir qualquer perigo que possa surgir com a ativação do karma de níveis mais baixos.

Segundo Satyananda, o despertar do centro frontal permite o contato com o "guru interior", a fonte inata do conhecimento e sabedoria profundos que reside no centro frontal individual ou até com o "guru exterior", o nosso anjo guardião (o guia espiritual). Além disto, ele possibilita também comunicações telepáticas e percepções clarividentes.

"O centro cerebral", ensina André Luiz, "se representa no córtex encefálico por vários núcleos de comando, controlando sensações e impressões do mundo sensório" ("Evolução em dois Mundos", FEB, p. 99; vide também p. 125).

CENTRO CORONÁRIO - Em sânscrito é denominado de Sahasrara. Coquet esclarece que se lhe dá também o nome de Brahmarandhra, cuja verdadeira tradução significa "orifício divino e representa a haste do chakra coronário ou, para ser preciso, a fontanela etérica por onde escapa a alma no momento da transição" (p. 131).

Está situado na parte superior da cabeça. A aura colocada sobre a cabeça dos santos corresponde ao Sahasrara. Ele é composto de duas partes: a parte central com doze pétalas maiores, menos ativa, e outra ao redor desta com novecentos e sessenta pétalas menores, vibrando com incrível rapidez. Ao contrário dos demais chakras que, ao desabrocharem, voltam-se para o alto, o coronário mantém sempre a sua posição invertida.

É o mais luminoso dos chakras. Leadbeater descreve-o como possuidor de indescritíveis efeitos cromáticos, parecendo conter todos os matizes do espectro, embora seja o violeta a cor predominante; a parte central é de um branco fulgurante com um núcleo cor de ouro. Coquet ensina que ele surge como um maravilhoso sol, branco brilhante de mil flores douradas. O Shat-chakra-Nirupana descreve-o como tendo a cor de um jovem sol, portanto o branco brilhante. Motoyama indica-o como um disco de cor de ouro ou de luz rosada.

Os livros hindus denominam-no o "lótus de mil pétalas", de cor branca e com a corola voltada para baixo, cerca de quatro polegadas acima da parte mais alta da cabeça.

O chakra coronário não está relacionado com nenhum plexo e sim com a glândula pineal. A respeito, Leadbeater destaca a existência de uma diferença de acordo com os tipos de indivíduos. Em muitos deles "os vórtices do sexto e do sétimo chakras astrais convergem ambos ao corpo pituitário, que em tal caso é o único enlace direto entre o corpo físico denso e os corpos superiores de matéria relativamente sutil". (...) "Mas outros indivíduos, embora ainda aliem o sexto chakra com o corpo pituitário, inclinam o sétimo até o seu vórtice coincidir com o atrofiado órgão chamado glândula pineal, que, em tal caso, se reaviva e estabelece ligação direta com o mental inferior sem passar pelo intermediário comum do astral" (p.p. 94/95).

André Luiz assinala como função sua a assimilação dos estímulos do Mundo Espiritual Superior, a orientação da forma, do movimento e da estabilidade do metabolismo orgânico e da vida consciencial dos Espíritos encarnados ou desencarnados, supervisionando, além disso, os outros centros que lhe obedecem ao impulso, procedente do Espírito, porque ali se encontra exatamente o ponto de Interação entre as forças determinantes do espírito e as forças fisiopsicossomáticas organizadas (conf. "Evolução em dois Mundos" p.p. 261/27).

"Dele parte, desse modo, a corrente de energia vitalizante formada de estímulos espirituais com ação difusível sobre a matéria mental que o envolve, transmitindo aos demais centros da alma os reflexos vivos de nossos sentimentos, idéias e ações, tanto quanto esses mesmos centros, interdependentes entre si, imprimem semelhantes reflexos nos órgãos e demais implementos de

nossa constituição particular, plasmando em nós próprios os efeitos agradáveis ou desagradáveis de nossa Influência e conduta" (op. cit., p. 27).

Pela determinação da vontade, a mente se apropria dos elementos à sua volta e cria livremente, mas o centro coronário fixa, de modo automático, a responsabilidade correspondente a essas criações, conduzindo ao corpo causal as seqüências das ações e Inações, felizes ou infelizes (conf. op. cit., p. 28 e "Nosso Lar", FEB, p. 59).

Com relação ao mecanismo de ação do centro coronário sobre o corpo físico e a origem do pensamento, ensina André Luiz - "...o centro coronário, através de todo um conjunto de núcleos do diencéfalo, possui no tálamo, para onde confluem todas as vias aferentes à cortiça cerebral, com exceção da via do olfato, que é a única via sensitiva de ligações corticais que não passa por ele (contudo, essa via mantém conexões com alguns núcleos talâmicos através de fibras provenientes do corpo mamilar, situado no hipotálamo), vasto sistema de governança do Espírito, portanto aí, nessa delicada rede de forças, através dos núcleos intercalados nas vias aferentes, através do sistema talâmico de projeção difusa e dos núcleos parcialmente abordados pela ciência da Terra (quais os da linha média, que não se degeneram após a extirpação do córtex, segundo experiências conhecidas), verte o pensamento ou fluído mental, por secreção sutil não do cérebro, mas da mente, fluído que influencia primeiro, por intermédio de impulsos repetidos, toda a região cortical e as zonas psicossomatossensitivas, vitalizando e dirigindo o cosmo biológico, para, em seguida, atendendo ao próprio continuísmo de seu fluxo incessante, espalhar-se em torno do corpo físico da individualidade consciente e responsável pelo tipo, qualidade e aplicação de fluído, organizando-lhe a psicosfera ou halo psíquico, qual ocorre com a chama de uma vela que, em se valendo do combustível que a nutre, estabelece o campo em que se lhe prevalece a influencia" ("Evolução em dois Mundos", FEB, p. 99; vide também p. 125) (16).

Se por um lado as energias do plano espiritual atingem, através do coronário, os outros centros, por outro as energias provenientes de outros centros o atingem. Assim é que ali desemboca a energia violeta proveniente do centro laríngeo e a energia amarela originária do centro cardíaco.

A ativação deste centro surge com a integração com o Pai: é a realização da vontade de Deus, é o colocar-se integralmente, sem condições ou reticências nas mãos do Divino, o que determina a sua ativação. O discípulo já não vive, mas Deus é que vive nele, em Deus vive e em Deus se move, como afirma Paulo. Ali se encontra a abertura do Reino dos Céus. Juan de La Cruz grafou: "Porque logo que a alma desembaraça estas potências (sentidos, entendimento, memória e vontade) e as esvazia de tudo o que é inferior (terrestre) e da propriedade de tudo que é superior (apego ao celeste), ficando elas a sós sem nada disso, imediatamente Deus as emprega no invisível e divino, e é Deus o guia nesta solidão" (Cântico - 18 versão - XXXIV, nº 5; 28 versão XXXV, nº 5). É necessário uma completa desnudez de Espírito, uma completa "deoversão", uma reorientação da alma para Deus. Quando a alma se aparta de tudo o que não é Deus, "logo fica esclarecida e transformada em Deus e Deus comunica-lhe o seu ser sobrenatural de tal maneira que parece o mesmo Deus e teia o que tem o mesmo Deus... Esta união faz-se quando Deus concede à alma a sobrenatural mercê de todas as coisas de Deus e da alma serem uma só coisa em transformação participante; e a alma mais parece Deus que alma, é até Deus por participação..." (Juan de La Cruz - "Subida do Monte Carmelo", Livros II, cap. V, nº 7). Eis aí uma perfeita idéia do Samadhi, já que a experiência é indescritível. A alma penetra na 7ª morada (Teresa de Ávila).

Esclarece Leadbeater que à medida que o ser cresce espiritualmente, o centro coronário vai aumentando até tomar toda a parte superior da cabeça:

"No princípio é, como todos os demais chakras, uma depressão do duplo etérico, pela qual penetra a divina energia procedente do exterior. Mas quando o homem reconhece rei da divina luz e se mostra magnânimo com tudo o que o rodela, o chakra coronário reverte, por assim dizer, de dentro para fora, e já não é um canal receptor, mas uni radiante foco de energia, não uma depressão,

mas uma proeminência ereta sobre a cabeça como uma cúpula, como uma verdadeira coroa de glória" (op. cit., p. 30).

KUNDALINI

A energia vital básica reside no centro fundamental (muladhara). Os hindus a chamam de Kundalini - o fogo serpentino. Lá está a concentração energética que supre o corpo humano através dos nadis - Ida e Pingala. Esta energia não é mais que a transformação do que Kardec denominou de fluido universal; é o princípio vital. Confere plenamente com isto a observação de Coquet - "É unicamente graças a esta energia que o mundo pode existir, e, em último lugar, é ela a força primitiva que está subjacente a toda a matéria orgânica e inorgânica." Isto concorda plenamente com o que ensina o Espírito Galileu a respeito do fluido Cósmico:

"Esse fluido penetra os corpos, como um oceano imenso. É nele que residem o princípio vital que dá origem à vida dos seres e a perpetua em cada globo, conforme à condição deste, princípio que, em estado latente, se encontra adormecido onde a voz de um ser não o chama. Toda criatura, mineral, vegetal, animal ou qualquer outra - porquanto há muitos outros reinos naturais, de cuja existência nem sequer suspeitais - sabe, em virtude desse princípio vital o universal, apropriar as condições de sua existência e de sua duração".

"As moléculas do mineral têm uma certa soma dessa vida, do mesmo modo que a semente do embrião, a se agruparem, como no organismo, em figuras simétricas que constituem os indivíduos" (Allan Kardec "A Gênese", FEB, cap. VI, nº 18).

Na ciência ocidental, geralmente a Kundalini é desconhecida como tal, pois ela reside no corpo invisível. Entretanto seus reflexos são identificados na psicologia. Freud estudou-a como uma energia sexual - a libido - que diminuiria a própria vida. Com mais correção, Jung chamou a atenção de que a energia psíquica não é originariamente sexual - a libido para ele é neutra, sujeita a transformações de acordo com a orientação que lhe é dada. O próprio Freud, ainda que preso à energia sexual - admitiu estas transformações a que chamou de sublimação do instinto sexual. Em realidade, a energia psíquica em seu desdobrar-se vai sendo dirigida para cada um dos vários centros de força podendo cristalizar-se em um deles. A exaltação da libido sexual teria como fator a concentração da energia psíquica no centro genésico, dando àquele que estuda paralelamente o fenômeno a idéia de que toda energia é de origem sexual. Por outro lado, é de observar-se que o despertar de Kundalini provocou uma geração anômala de sêmen, que vão sendo consumidos na medida em que a energia sobe em busca dos centros superiores. Uma visão parcial da questão pode dar a idéia de que a energia em si é de ordem sexual.

Obstruída que se encontra sua passagem no Sushumna pelo nó (granthi) de Brahma, a Kundalini não tem acesso aos demais centros em linha reta. A ruptura deste nó e dos subseqüentes à altura do centro cardíaco (nó de Vishnu) e do frontal (nó de Rudra), com a subida da Kundalini também pelo canal central unindo assim os três nadis, torna-se extremamente perigosa, podendo resultar na loucura e na morte, quando mãos inexperientes tentam realizá-lo. A projeção de Kundalini através dos centros inverte o processo natural - é que a ascensão natural se realiza depois que os centros estão desabrochados e os canais ao longo da coluna vertebral se encontram livres. A triangulação das energias resulta numa queima extravagante, se o indivíduo não se encontra devidamente preparado física, mental e moralmente, determinando sua destruição. Daí a necessidade de um gula para a realização de tal ascensão. O próprio circuito de ascensão de Kundalini é distinto de indivíduo para indivíduo e vai depender do despertar de seus centros. A medida também é distinta. As experiências são mais ou menos profundas. As descrições propiciadas por Ramakrishna, Gopi Krishna, Motoyama e Pierre Weil conduzem a esta assertiva. Essas gradações são próprias da experiência espiritual, e por isto Juan de La Cruz dividiu os espirituais em três classes: principiantes, aproveitados e perfeitos. Existem, segundo ele, muitos graus de união. Além disso, pode dar-se o despertar da Kundalini de modo gradual ou

repentinamente, causando efeitos diversos de acordo com o desenvolvimento, constituição e temperamento dos indivíduos (conf. Gopi Krishna, op. cit., p. 58).

Eis aqui trechos do encontro de Gopi Krishna com a Kundalini, enquanto meditava:

"De repente, como o bramir de uma cachoeira, senti um fluxo de luz líquida penetrar no cérebro, através da modula espinhal.

A iluminação íntima se intensificou, ficando mais forte e brilhante, o bramir aumentou, e experimentei uma sensação de abalo que me fazia sentir como se estivesse saindo de meu corpo, inteiramente envolto um halo de luz. É impossível descrever a experiência com precisão. Senti o ponto da consciência, que era eu mesmo, crescer de tamanho, circundado por ondas de luz. Fui ficando cada vez maior, expandido-me para fora, enquanto o corpo, que normalmente é o objeto da percepção imediata dessa consciência, parecia estar sumindo na distância, até que perdi totalmente a consciência dele. Agora eu era Consciência Pura, livre das limitações, sem qualquer impressão ou sensação que pudesse vir dos sentidos, imerso num oceano de luz, simultaneamente sensível e consciente de cada ponto, expandindo-me, como se abarcasse todas as direções, sem qualquer barreira ou impedimento material" (op. cit., P.P. 10/19).

Relata Gopi Krishna que, no seu caso, houve uma subida de Kundalini através de Pingala, o que resultou numa alteração da temperatura do corpo, tendo ele começado a queimar-se interiormente; foi necessário um esforço mental para trazer a corrente de energia para o lado esquerdo, onde se encontra o nadi Ida e em seguida fazê-la penetrar pelo Sushumna:

"Deu-se UM som que lembrava um fio de nervo estalando; instantaneamente um filão prateado começou a deslocar-se em ziguezague ao longo da espinha dorsal, exatamente igual aos movimentos sinuosos de uma branca serpente em fuga rápida, vertendo um, fulgente aguaceiro de brilhante energia vital, a qual em forma de cascata cala dentro do cérebro, preenchendo minha cabeça com um abençoado esplendor, substituindo o fogo que tinha estado atormentando-me durante as últimas três horas" (op. cit., p. 78).

É interessante destacar o fato de que uma luminosidade permanente passou a envolver Gopi Krishna e que este passou a perceber a produção anormal de sêmen vital que era absorvido pelo trabalho reticular dos nervos, na base da espinha, onde ora transformando, no muladhara, na energia nervosa transferida para o cérebro (p.p. 103 e 104). Esclarece Gopi Krishna que nos momentos mais dramáticos, uma pequena recomendação salvou-lhe a vida – fazer leve refeição de 3 em 3 horas, não deixando o estômago completamente vazio (p. 73).

Ao contrário do que pensam certas pessoas, somente alguns sistemas tratam do trabalho direto para ocasionar o despertar de Kundalini - a Laya-Yoga, a Hatha-Yoga e Kundalini-Yoga. Existem portanto diversos métodos de iluminação espiritual que não tratam diretamente com o despertar de Kundalini.

DESPERTAMENTO DOS CHAKRAS

Ao contrário do que pode parecer ao observador apressado, no estudo dos chakras apresentam-se também opiniões divergentes. Isto é um fato que não pode ser esquecido a fim de evitar as "pregações" sobre chakras, quando são repetidos o ensinamento deste ou daquele autor, como se tratasse da palavra única e definitiva. As referências que faremos a seguir, buscam destacar um pouco mais estas divergências.

Rajneesh (17) sustenta que Kundalini não é a energia da vida, mas um dos caminhos que podem ser tomados por esta força; por isto é possível despertar a iluminação através de outros caminhos, embora Kundalini seja o mais curto. Neste caso, o Brahma-randhara (o ponto central do Sahashara será o maior terminal (se for outro o caminho ele não será o término). Kundalini é para ele, pois,

uma passagem relacionada com os chakras. Os chakras estariam, no corpo etérico, de modo estático, "mortos" até que a energia penetrasse neles através da passagem Kundalini. Essa força estaria localizada no muladhara, a que Rajneesh denomina o centro do sexo (naturalmente, como no sistema tântrico, ele une o básico ao genital). Outros caminhos seriam utilizados pelos diversos métodos do yoga, zen, budistas, taoístas e cristãos. Seriam utilizadas outras passagens que não pertencem ao duplo etérico: as do corpo astral, do corpo mental, etc. Apesar disto, mesmo nestes métodos, pode ocorrer o surgimento de Kundalini, porque os corpos estão interligados entre si e com os sete chakras. Qualquer dos métodos pode levar a energia da vida a atingir o sahashara (vide "Meditação - A Arte do Êxtase" Cultrix/Pensamento, p. 67/86).

A utilização dos chakras dar-se-ia no momento em que a passagem de Kundalini é bloqueada, porque o trabalho deles só é necessário para romper bloqueios. Se não existem obstáculos não se perceberia, segundo Rajneesh, os chakras porque estes existem para ajudar a ascensão da energia através de Kundalini. Assim, se ocorre um bloqueio, Kundalini retrai-se; para evitar que ela desça, o chakra começa a trabalhar, tornando mais viva a energia, de modo a facilitar o rompimento do bloqueio (13).

Ao que parece Rajneesh chama de Kundalini o Brahma nadi localizado no interior do Sushumna, pois é exatamente por ele que a energia vital se eleva em busca dos centros superiores.

Posição distante é a de Anagarika Govinda. Afirma este Lama que não é possível concentrar-se sobre os centros mais altos sem ter adquirido o controle sobre os centros mais baixos, "como acreditam ingenuamente alguns "místicos" modernos" (op. cit., p. 181). No entanto, ao explicar o sistema de Yoga budista, em que a Kundalini não é mencionada, cita ele o "Yoga das Seis Doutrinas de Nárôpa" em que o discípulo é aconselhado a meditar nos quatro chakras superiores, formados como um guarda-sol ou rodas de uma carruagem (coronário, laríngeo, cardíaco e umbilical) (19). No sistema do budismo tântrico, ao invés de Kundalini, o princípio que ocupa o centro de meditação é o Dákini: a Khadoma Dorje Naljorma (rdorje rna-hbyor-ma; Sâns.: Vajra-Yogiui).

"As Khadomas, semelhantes a todas as personalizações femininas da "vidyá" ou do conhecimento, têm a propriedade de Intensificar, concentrar o integrar as forças das quais elas fazem uso, até serem focalizadas num ponto incandescente e significam a chama sagrada da inspiração que leva à iluminação. As Khadomas, que surgem como visões ou como imagens interiores produzidas conscientemente no decorrer da meditação, são por isso representadas como uma aura de chamas e evocadas com a sílaba-semente HÚM, o símbolo mântrico da integração. Elas são a personificação do "Fogo Interior" que na bibliografia de Milarepa foi chamado "sopro acalentador das Khadomas" que rodeia e protege o santo semelhante a um "manto puro e suave" (op. cit., p. 208).

O Swami Satyananda Saraswati, no entanto, é de opinião distinta; sustenta ele que o praticante deve primeiro procurar ativar o cakra frontal antes de qualquer outro, porque, segundo ele, este chakra tem o poder de dissolver o Karma, auxiliando a diminuir qualquer perigo que possa surgir quando é ativado o karma de chakras inferiores.

Aurobindo, em "Bases of Yoga" (trad. bras. "Consciência que Vê" vol. I), ao referir-se ao método do Yoga Integral, ensina:

"Não há método neste Yoga a não ser concentrar-se de preferência no coração, e chamar a presença e o poder da Mãe para assumir o ser e, pelas operações de sua força, transformar a consciência: você pode se concentrar também na cabeça ou entre as sobrancelhas, mas para muitos isto é uma abertura difícil demais" (P. 32).

Considerando que ninguém é tão forte para superar por suas aspirações e vontade isoladas os impulsos das forças da natureza mais baixa, conseguindo no máximo um domínio incompleto, recomenda Aurobindo que o indivíduo utilize aspiração e vontade para trazer para baixo a força

Divina, e, como isto não pode-ser feito só pelo pensamento, é necessário concentrar esta aspiração no coração (vide p. 32; vide também "Consciência que Vê" II, p. 146). Pode também utilizar-se da aspiração, chamamento ou oração, para trazer a Força Divina, ou concentrar-se sobre o coração (na cabeça ou acima dela) meditando sobre a Mãe, chamando-a para dentro. Isto não quer dizer que a Kundalini não desperte; ela se ergue para encontrar a Consciência e a Força Divinas acima do indivíduo (p. 85). Adverte em "Lights on Yoga" (Consciência que Vê II) há necessidade de orientação para que as forças da natureza mais baixas não se misturem com a Força Divina que desde ou para evitar que poderes não divinos se apresentem como a Mãe divina 9p. 1470. só há segurança com o centro do coração completamente aberto e o domínio do psíquico, mas isto não é difícil. ondas inferiores podem emergir e perturbar o trabalho 9p. 1480.

No cristianismo, o caminho da oração é exaltado na obra de Teresa de Ávila e de Juan de La Cruz. Teresa de Ávila descreve a subida através das sete moradas até atingir o Castelo interior, enquanto Juan de La Cruz descreve os seis patamares. No Espiritismo o caminho da oração e da caridade é o recomendável. É necessário, no entanto, não olvidar que as lições dos Mentores Espirituais se concentram sempre na necessidade de um despojamento do Espírito.

A obra de Emmanuel pode ser seguida como um roteiro para o caminho espiritual, se o espírita realmente procurar executá-la ao lado da recomendação dos Espíritos a Kardec sobre a auto-análise ("Conhece-te a í mesmo") diária, examinando constantemente o móvel de cada uma das ações ou inações. Se o mundo moderno não oferece as mesmas possibilidades de outrora, é possível no entanto tomá-lo e aceitá-lo como um desafio à nossa capacidade de entrega ao Senhor Jesus. O mundo tem armadilhas redobradas que estimulam as forças mais baixas de nossa natureza, em face do karma negativo que carregamos, no entanto, se centrarmos a mente e todo o nosso ser no Divino, não faltará a nosso favor o Auxílio Espiritual a sustentar-nos na porfia. Uma confiança e uma entrega totais ao poder de Deus, o trabalho da oração e da caridade desinteressada, são condições para o desenvolvimento espiritual. Os centros superiores irão desabrochando, porque mantemos neles todo nosso trabalho. Mas é preciso cuidar bem, porque até no último centímetro da estrada pode haver a queda. Dizia Teresa que só na sexta e sétima moradas, "ligadas entre si", reina apenas o sobrenatural; nos demais, até mesmo na quinta, era possível a contaminação com forças satânicas e instintivas. Mas, mesmo nas Sétimas Moradas, potências, sentidos e paixões não estão sempre em paz; apesar das guerras, dos trabalhos, e fadigas a alma no entanto está em paz (Moradas VIII, cap. II, nº 13). E como ela advertia que não se devia crer que visões, êxtases, espírito de profecia, etc., fossem sinais de perfeição, é importante recordar com os Amigos Espirituais que os fatos da Mediunidade, por mais espetaculares que sejam, não induzem a considerar o médium um santo. Como dizia Teresa - "A santidade, bem o sei, não consiste nestes favores" ("Fundaciones", IV, 8).

Quanto à caridade, uma frase de Teresa relembra os ensinamentos espirituais que temos recebidos.

"Enfim, irmãs minhas, aquilo com que quero concluir é que não façamos torres sem fundamentos, porque o Senhor não olha tanto à grandeza das obras como ao amor com que se fazem" ("Moradas" VII, cap. IV, nº 18).

Não podemos deixar aqui de recordar as palavras do Senhor Jesus "Procurai em primeiro lugar o reino de Deus e sua justiça e o resto vós serão acrescentado". O problema é de orientação de nossa conduta como um todo. Alguns, com evidente engano, situam o "resto" como sendo bens materiais a serem incorporados ao patrimônio do aspirante; é certo, porém, que a assertativa tinha em vista as riquezas espirituais de que é acumulado aquele que persevera "até o fim" no caminho. O espírita deve, pois, afastar-se do caminho abissal de buscar adquirir poderes, seja qual for o método. O desenvolvimento da mediunidade não deve ser fruto de nenhum aqodamento. Antes, o espírita deve dedicar-se ao autoaperfeiçoamento. Os dons mediúnicos, quando existentes, devem ser recebidos como acréscimo de misericórdia e aumento de responsabilidade, devendo ser empregados com a única finalidade de servir.

Antes de qualquer desenvolvimento mediúnico é indispensável o treinamento moral, sem o que a prática medúnica só resultaria em perigo e fonte de graves perturbações mentais. As práticas moralizadoras não são um fim em si mesmo; o objetivo é sempre o Reino, a união com Cristo. Sem elas, no entanto, nenhum caminho pode ser adentrado. Antes de fixar-se, mesmo intelectualmente, na questão do desenvolvimento dos chakras, o espírita deve redobrar os esforços no treinamento moral, que não deve ser confundido com as atitudes farisáicas de uma "falsa moral" ou de uma "moral da época". Deve concentrar-se ele no exame da motivação de seus atos para escoimá-los dos fundamentos do egoísmo. Isto é indispensável para o contato com seu verdadeiro guia espiritual que deverá instruí-lo na senda a percorrer.

OS PODERES PSÍQUICOS DOS CENTROS

(MICHEL COQUET)

O desenvolvimento e a atividade dos centros psíquicos são responsáveis pela aquisição dos poderes de mesma natureza. Algumas palavras tornam-se pois necessárias em razão dos perigos que tais poderes podem criar.

Os poderes ocultos têm sido unia das grandes motivações que tem levado mais de um aspirante ao ascetismo e às práticas ocultas. O poder foi e permanece ainda um importante tema de preocupação, e não basta repetir que ele não é um fim em si mesmo ou que sua obtenção não prova de nenhum modo um avanço espiritual; o fato permanece atual e hoje como outrora numerosos aspirantes nessa senda têm sido profundamente perturbados pelos fenômenos auditivos ou visuais resultantes da prática mística.

É preciso, entretanto, reconhecer que, a atração pelos poderes é uma coisa natural, não somente pelo fato de que eles são uma conseqüência da evolução, mas ainda porque eles são (ou supõe-se ser) o símbolo de uma superioridade à qual todos nos aspiramos. De outro modo os poderes psíquicos e espirituais têm fortemente chocado o espírito daqueles que, ignorantes da natureza das leis colocadas em ação, as consideram conto verdadeiros milagres, o que certamente eles não são.

Todos os grandes seres do passado têm sabido utilizar e manifestar estas possibilidades psíquicas e espirituais. É necessário reconhecer entretanto que o fim não era o de exhibir sua ciência, mas o de aplicar as leis universais do cosmo, e dos poderes que eles possuíam não eram, eu o repito, mais do que a conseqüência de sua evolução espiritual e não eram utilizados mais do que conto simples, porém maravilhosos instrumentos a serviço de sua missão sobre a Terra. Trata-se de Zoroastro, de Orfeu, de Gautama Buddha ou em seres como Apolônio de Tiana, o mestre Phillippe de Lyon, Cagliostro, ou simplesmente os misteriosos Rosa-Cruzes, todos sem exceção foram detentores de uma grande sabedoria, mas igualmente de grandes poderes, demonstrando desta maneira que eles tinham transcendido uma parte importante de sua natureza humana. Nos casos citados acima, trata-se de poderes espirituais como expressão direta da alma, poderes que continuam a ser prerrogativa dos seres liberado. É unicamente a estes poderes que se referia o Cristo quando prometeu a seus discípulos, admirados dos milagres por ele executados, que um dia eles os fariam ainda bem maiores.

Os poderes psíquicos inferiores ou superiores constituem, segundo a opinião esclarecida dos mestres da sabedoria, obstáculos ao estado espiritual mais elevado e o simples fato de interessar-se por eles indicaria no estudante uma falta evidente de progresso, porque os poderes não podem ser utilizados sem perigo senão depois ao abandono total de todo o desejo e paixão terrenos. Sendo assim, no momento em que o discípulo é capaz de pensar em termos de consciência de grupo e de viver profundamente de maneira fraterna e quase inteiramente despolarizado de si mesmo, tendo como desígnio imediato o serviço desinteressado, nesse caso unicamente, os poderes tornam-se instrumentos dóceis e úteis ao serviço projetado.

Os perigos da aquisição de poderes a serviço de seus próprios interesses tem sido claramente demonstrado por intermédio do grande yoguê Milarepa que havia utilizado (alegoricamente) duas formas de poder, primeiramente aqueles de natureza inferior, na primeira parte de sua vida, e aqueles de natureza superior na segunda parte. Explicamos a diferença: os poderes inferiores resultantes unicamente das forças e energias (animamundi) de todas as formas nos três mundos e todos os corpos nos quatro reinos da natureza. Estes poderes são a expressão dos centros psíquicos localizados sobre o diafragma. Os poderes superiores resultam, quanto a eles, da consciência não mais individual, mas coletiva; eles englobam os poderes interiores e colocam cada vez mais o homem em comunhão com as formas de vida que se encontram nos planos superiores da consciência (o reino dos céus). Os efeitos destes poderes superiores são chamados de diversos modos, mas exprimem de modo justo sua natureza, como por exemplo: percepção intuitiva, compreensão espiritual, conhecimento direto.

As tradições orientais têm arrolado com extrema precisão os diferentes poderes. A lista dos poderes de natureza inferior seria muito longa, por isso consignaremos somente os oito poderes de natureza superior. Aquele que dominou de modo integral os oito poderes superiores recebe o título de Siddha, mas convém ser muito prudente e circunspecto no que concerne aos adeptos cuja a vida é aquela dos Siddhas. Poucos dentre eles (sobretudo entre aqueles conhecidos na Europa) tem sabido associar um desenvolvimento espiritual paralelo. Descrevemos agora estes oito poderes:

- 1) ANIMA (exigüidade). Esta é a faculdade que possui o iniciado de fazer-se tão pequeno quanto um átomo, ou, melhor dizendo, identificar-se com a essência da menor parte do universo de que é ele mesmo constituído. Segundo o sr. Leadbeater, este órgão de visão é formado de um pequeno tubo flexível de matéria etérica terminado por uma intumescência em forma de olho, e é este olho que, dilatando-se ou contraindo-se, permite ver o infinitamente grande (Mahima) ou, ao contrário, o infinitamente pequeno (Anima).
- 2) MAHIMA (magnitude). Este é o poder de aumentar de volume, quer dizer de alargar o círculo de sua consciência e de alcançar a plenitude do conhecimento do infinitamente grande.
- 3) GARIMA (gravitação). Isto é relativo ao peso e à massa, e se aplica à lei de gravitação que é um dos aspectos da lei de atração. Um mestre japonês de artes marciais conhece bem esta técnica ao ponto de que ele pode tornar-se tão pesado que um agressor muitas vezes superior em peso e em força não poderá remover-lhe de um milímetro. Este fenômeno tem igualmente sido observado nos yogues em estado de Samādhi.
- 4) LAGHIMA (levitação). Esta é a possibilidade que tem o adepto de tornar-se mais leve que o ar afastado a força de atração da Terra e de desligar-se dele. O exemplo mais belo que foi manifestado aos homens é aquele do mestre Jesus Cristo andando sobre as águas.
- 5) PRAPTI (realizar o objetivo). Aquele que possui este poder tem a capacidade de atingir seus fins projetando sua consciência em todos os lugares que ele julga necessário quer esteja sobre o plano físico ou sobre o plano cósmico. Este poder foi sempre muito utilizado pelos místicos do mundo inteiro. Este é poder que utilizou Jesus para ensinar seus discípulos depois da crucificação: "À tarde deste mesmo dia, o primeiro da semana, estando todas as portas fechadas por temor dos judeus, no lugar onde se encontravam os discípulos, Jesus vem e coloca-se no meio deles. Ele lhe diz: "Paz seja convosco" (Evangelho de São João 20:19). Prapti desenvolve também a clarividência, clariaudiência e telepatia. Ele permite compreender a linguagem da natureza e possuir o dom das línguas, como o receberam os apóstolos de Jesus Cristo.
- 6) PRAKAMYA (a vontade irresistível). Este poder confere ao adepto a possibilidade de ver realizar-se todos seus desejos pela força da vontade divina, quando esta vontade substituiu em parte a vontade pessoal e seus desejos estão em perfeita harmonia com o plano divino. A perfeição deste poder tem sido atingida pelo mestre Jesus, quando, no momento de beber a taça

amarga, exclamou para o Pai: "Que Tua vontade seja feita, e não a minha". Segundo Sivananda, o yogue provido deste poder é capaz de permanecer sob a água durante o tempo que ele deseje. É também este poder que permite ao yogue penetrar no corpo de um outro homem e deste modo animá-lo. É isto que fez, se bem em um grau altamente superior, o Cristo em animando seu discípulo Jesus (1).

7) VASITVA (o poder de comandar). É o poder de tornar-se mestre das forças elementares da natureza utilizando o poder do som criador ou mantra. Pela palavra sagrada, as vibrações são produzidas no éter e as diversas formas podem ser produzidas. A gente se recordará da transformação da água em vinho pelo mestre Jesus, do mesmo modo que da multiplicação dos pães. Segundo os yogues, este poder permite igualmente tornar dóceis os animais selvagens, bem como exercer um, ascendente sobre o espírito dos seres e das coisas.

8) ISATVA (o poder criador). Isatva se refere ao poder que tem o adepto de dispor dos elementos em suas cinco formas e de ressuscitar a vida no plano físico, como fez Jesus Cristo com Lázaro. Muitos outros mestres têm conseguido este grande poder espiritual, tais como, TomoGershè Rimpoché, Babaji, para não citar outros.

Como vamos agora constatar, cada centro desenvolve certos poderes particulares. Isto é o resultado de exercícios místicos tais como o TRATAKA, Isto, é a fixação do olhar sobre um objeto. Entretanto os poderes resultam sobretudo de um triângulo constituído da concentração (DHARANA), da meditação (DHYANA), e do êxtase contemplativo (SAMADHI), estado resultante da subida de Kundalini. Estes três estados são chamados de SAMYAMA. Existem, bem entendido, vias mais específicas que insistem sobre o desenvolvimento dos centros psíquicos como o LAYA YOGA ou KUNDALINI YOGA; ambas incluídas, por outro lado, na prática das técnicas tântricas. Eis aqui, resumidamente, a qualidade dos poderes inerentes a cada centro psíquico:

1) O CENTRO COCCÍGEO confere, segundo sua própria natureza, poderes excepcionais sobre a energia da matéria e sobretudo sobre seu aspecto negativo. Ele é pois muito perigoso para aqueles que não alcançaram uma pureza moral absoluta, pureza moral que de resto é a essência mesma de todos os ramos do Yoga. O poder de levitação, o controle mental e o do sopro, o conhecimento do passado e do futuro, o domínio do líquido seminal, tudo isso resulta da atividade normal do centro coccígeo.

2) O CENTRO SAGRADO. A ciência oriental explica que dois nadis ligam diretamente o centro sagrado a um outro centro secundário, o BODHAKA, localizado na abóbada palatina, e toda ação realizada sobre ele influencia automaticamente o outro. O centro sagrado confere o poder de controlar a energia sutil da água e de dominar os desejos do corpo. Para alcançar isto, é necessário que o estudante aprenda a combater fortemente a ilusão a aversão à luxúria, a suspeita e a indiferença (com compaixão).

3) O CENTRO SOLAR confere o poder de controlar toda a vida vegetativa e de colocar à vontade o corpo físico em profunda letargia. Pela atividade do centro solar, a saúde se desenvolve e se mantém. Tendo o iniciado conseguido o controle deste centro, presume-se que não mais tema o fogo. É de resto este centro que permite aos Yamabushis, ascetas, japoneses, marcharem de pés descalços sobre as brasas ardentes sem sofrer qualquer dor ou queimadura... Obtém-se o domínio do centro solar pela purificação das imperfeições, como o apego, o orgulho, o ciúme, a cólera, a indolência e o medo.

4) O CENTRO CARDÍACO dá o poder de ler o coração aberto no espírito dos outros e de conhecer todos os pensamentos. Ele confere a possibilidade de ver seus desejos e rogativas realizados. Ele permite ouvir o som sagrado no interior do coração. O fato de poder controlar o elemento ar significa que o adepto pode projetar sua consciência na direção de todas as partes do mundo, para um lugar onde uma pessoa se encontra, e operar à distância, sem ter de deslocar seu corpo físico.

Purificando-se do egoísmo, da vaidade, da cupidez, da indecisão, desenvolvendo depois o sentido

fraternal, a caridade, o amor e o discernimento, obter-se-á sem dúvida alguma uma atividade normal do centro cardíaco.

5) O CENTRO LARÍNGEO confere um grande poder sobre a energia vital do espaço e sobre o controle da transição. Permite além disso o desenvolvimento da clariaudiência, e do conhecimento do passado, do presente e do futuro. Desenvolve a memória psíquica e dá a faculdade da profecia.

6) O CENTRO FRONTAL, confere um poder espiritual imenso, o de ser um membro da fraternidade dos homens e mulheres tornados "perfeitos". Ele destrói todo elemento de natureza kármica (negativa) e atribui ao yogue a totalidade dos oito poderes maiores e os trinta e dois menores. É por intermédio dele que serão percebidos a "luz na cabeça", assim como o "OM" sagrado em sua mais esplêndida realidade.

7) O CENTRO CORONÁRIO dá ao adepto a totalidade de todos os poderes assim como o de não mais ter necessidade de operar no triplo mundo inferior dos homens. O centro coronário normalmente ativo permite ao iniciado deixar em plena consciência o invólucro físico. Além disso, este centro é frontispício da completa liberação, da aquisição de um poder divino de natureza intraduzível e inexprimível.

Convém, depois deste breve resumo, não cometer o erro de crer que só um centro permite alcançar as faculdades enumeradas, quando os poderes não funcionam senão por intermédio de muitos centros simultaneamente. Por outra parte, os efeitos engendrados no mundo fenomenal não ofereciam mais que um valor relativo e limitado se se acredita nas afirmações dos maiores mestres cujo único fim era a reintegração final no seio da divindade. Assim por conseguinte, antes de prestar atenção excessiva sobre a obtenção dos poderes psíquicos, não esqueçamos as sábias palavras do Senhor Cristo: "Buscai antes o reino de Deus e a sua justiça e tudo o mais vos será dado de acréscimo".

(In "Les Çakras: L'anatomic occulte de l'homme" de M. Coquet. Paris, Dervy-livres, 1982).

NOTA 1 - Em face da extensão das considerações possíveis sobre este assunto, remetemos o leitor ao Apêndice nº V).

OS CHAKRAS MENORES

(MICHEL COQUET)

Os chakras menores são algumas vezes mencionados nos textos sagrados dos hindus. Contudo, eles oferecem muito pouco interesse, salvo aqueles que estão em estreita relação com o cérebro e aos quais fazem algumas vezes alusão certos autores:

- "O Lalanâ chakra, em frente da úvula, com doze pétalas (ou lobos), região que se supõe associada à produção dos sentimentos e das afeições ego-altruístas, como o amor próprio, o orgulho, a afeição, a cólera, o pesar, a veneração, o contentamento, etc." (L).

O iniciado se concentra sobre este centro no momento em que visualiza seu instrutor para solicitar-lhe conhecimentos diversos. O centro Lalanâ é responsável pelos doze pares de nervos cranianos que partem do cérebro para terminar nos diferentes órgãos dos sentidos.

- "O Mana chakra, o sensório, com seis lobos (cinco sensórios especiais para as sensações de origem periférica, e um sensório comum para as sensações de origem central, como nos sonhos e nas alucinações" (1).

Considera-se geralmente que o Mana chakra é fisicamente exteriorizado pelo cerebelo. É também a partir destas pétalas que nascem as sensações dos cinco sentidos.

- "O Soma chakra, gânglio com dezesseis lobos, compreendendo os centros do cérebro, acima do sensorio; sede dos sentimentos altruístas e do controle da vontade, da compaixão, da bondade, da paciência, da renúncia, da determinação, da magnanimidade, etc." (1).

É, dizem os yogues, neste centro que pode ser contemplada a bem-aventurança do glorioso Ishvara (Ishvara corresponde ao segundo aspecto da trindade cristã, isto é, ao Filho, ao Cristo manifestado, Ishvara é também Aum, a palavra sagrada; é "o Cristo em nós, a esperança e a glória").

(1) Arthur Avalon, La puissance du serpent, Dervy-Livre.

CHAKRAS MENORES

(MIRCEA ELIADE)

"Existem além disso outros chakras, menos importantes. Assim, entre o muladhara e o swadhisthana encontra-se o Yonisthana: lugar de reunião de Shiva e Shakti, lugar de beatitude também chamado (como o muladhara) Kamarupa. É a fonte do desejo e, no nível carnal, uma antecipação da união Shiva-Shakti que finaliza no Sahasrara. Mui perto do Ajna chakra encontra-se o Mana chakra e o Soma chakra, relacionados com as funções intelectivas e certas experiências yogues. Perto do Ajna chakra encontram-se igualmente o Karana-rupa, assento das "sete formas causais", das quais se diz que produzem e constituem o corpo "sutil" e o corpo "físico". Finalmente outros textos se referem a certo número de Adhara (= suporte, receptáculo), situados entre os chakras ou identificados com eles.

CHAKRAS MENORES

(A. A. Bailey - La Guérison Esotérique)

Segundo Alice A. Bailey os centros menores, em que os nadis se cruzam quatorze vezes, são em número de vinte e um, assim dispostos:

01. Existem dois em frente às orelhas, próximo da articulação do maxilar;
02. Existem dois justamente acima dos peitos;
03. Existe um na junção das clavículas, próximo da glândula tireóide. Com os dois centros dos peitos, eles formam um triângulo de força;
04. Existem dois, um em cada palma da mão;
05. Existem dois, um em cada planta do pé;
06. Existem dois, justamente, atrás dos olhos;
07. Existem dois em ligação com as gônadas;
08. Existe um próximo ao fígado;

09. Existe um em conexão com o estômago; está pois ligado ao plexo solar, mas sem lhe ser identificado;

10. Existem dois em conexão com o baço. Não formam em realidade mais que um centro, composto porém de dois centros superpostos;

11. Existem dois, um na cavidade de cada joelho;

12. Há um centro extremamente poderoso em conexão estreita com o nervo vago. Certas escolas esotéricas o consideram como um centro maior. Ele não está na espinha dorsal, mas não está muito distante do timo;

13. Existe um centro próximo do plexo solar. Ele liga este último ao centro básico e forma assim um triângulo.

O CENTRO ALTA-MAIOR

"O centro cefálico Alta-maior é exteriorizado fisicamente pela glândula carótida, glândula que parece poder ser identificável à medula alongada, achando-se no bulbo raquidiano, colocado mais exatamente no cume da medula oblongada.

Poucas coisas podem ser ditas sobre este centro que não está ativo, salvo nos altos iniciados e adeptos da sabedoria. Nos seres avançados, o cérebro tornou-se um transmissor o um receptor perfeito da energia da vida. Para este efeito, o cérebro utiliza a glândula carótida governada pelo centro psíquico Alta-Maior, estabelecendo assim uma relação muito estreita com o coração e o centro coronário. As glândulas carótida, pituitária e pineal condicionam tudo, particularmente a substância cervical. Este triângulo está inteiramente unido no adepto. Pelo contrário, a glândula tireóide substitui a carótida no discípulo, o que afeta sobretudo o desenvolvimento do intelecto e, pois, da matéria mental. Entretanto, quando o cérebro é utilizado como um transmissor de energia da vida, é a glândula carótida governada por Alta-Maior à qual diz respeito, e quando ele torna-se um receptor de energia mental é o centro Ajna que se torna o agente.

A tradição oriental indica que quando um homem tornou-se um adepto, tendo unificado sua personalidade e a alma, somente neste momento lhe é possível agir sobre a energia para despertar o fogo kundalini que dorme nas profundezas das vértebras sagradas. Deste modo a energia projetada para baixo deve passar por Alta-Maior, descer ao longo da medula espinhal e unir-se às duas correntes em expectativa. A reelevação unificada destas três forças determinará então a abertura e atividade de todos os centros, deste modo: o canal central unido ao centro coronário e os dois outros canais unidos, um ao Ajna, o outro ao Alta-Maior".

(Michel Coquet, Les Çakras - L'anatomic occulte de l' "home, Dervy-Livres, pp. 117/118.)

BINDU VISARGHA (= queda da gota)

O bindu, (gota ou ponto) é um centro menor localizado na parte superior do cérebro, na direção da parte posterior da cabeça. Ali se encontra uma leve depressão ou fossa, dentro da qual existe uma pequena elevação, local exato do bindu, na estrutura fisiológica.

Tanto o bindu, quanto o lalanâ, estão conectados com o centro laríngeo. Os chakras menores em geral, ao contrário dos sete maiores, não são chamados de "chakras de despertar", mas se encontrando ligados a esses, seu despertar dá-se conjuntamente.

O funcionamento harmonioso desses três chakras proporciona ao indivíduo a capacidade de subsistir longo tempo sem água, alimento ou ar. O bindu reduz, inclusive, o metabolismo do corpo, fato comprovado pela falta de crescimento de cabelo nos yogues em estado de hibernação voluntária. O dr. Motoyama comprovou experimentalmente que, quando o centro laríngeo está desperto e em conexão com o bindu e o lalanâ, é possível o controle consciente do metabolismo da respiração, da ingestão de alimentos, da digestão, etc.

O bindu, segundo Satyananda, controlaria a percepção visual, de modo que uma anormalidade no bindu conduziria a uma doença ótica.

O bindu. não é idêntico aos chakras. Seu símbolo é a lua cheia ou a luz crescente.

(resumo das lições de Satyananda).

(In "Theories of the Chakras: bridge to Higher Consciousnes" de Hiroshi Motoyama, Wheaton (EUA), The Theosophical Publishing House, 1981).

FACULDADES ESPIRITUAIS

No começo da criação você permanecia no coração do Logos. Toda a verdade jaz nesse pensamento simples e fundamental. Quando você respirou como encarnado, quando você partiu do coração de Deus e achou que possuía o livre arbítrio, você o usou como unia criança desobediente. Como resultado, você caiu na lama do sofrimento; ali, na verdade, você sofreu e ainda está sofrendo. Contudo, você nunca se desfez completamente de seu contato com o coração de Deus.

Se você quer progredir em direção ao coração dos mistérios do Cosmos, seu caminho consiste na meditação e na realização do silêncio, da pequena voz, do Deus interior; porque todos os mistérios da eternidade jazem dentro de seu coração. Nenhum livro pode ensinar-lhe, embora livros possa ser encontrado estímulo mental. A sabedoria chega através do coração. Por conseguinte, "Esteja em silêncio e conheça que eu sou Deus".

Assim, para conhecer Deus, você deve aprender a viver mais abundantemente, você deve saber saborear a vida na sua plenitude, porque quem pode aprender mais de Deus que aquele que permanece isolado de sua espécie?

Necessita-se de um Deus para conhecer um Deus; e o homem que pode testemunhar as condições humanas sórdidas e mesmo terríveis, que podem sentir com aqueles que suportam tais condições e penetrar em seu sofrimento, o homem que vê nas pessoas mais depravadas alguma coisa de louvável e humano, que pode ver Deus nos piores de nós, chega perto da compreensão dos mistérios da criação.

Assim, embora possa parecer difícil à primeira vista, nós sugerimos que você participe das alegrias e tristezas de seus companheiros, e embora mantendo seu próprio equilíbrio, chore quando eles chorarem, sorria quando eles sorrirem, seja um com eles. Você ficará espantado com o que eles têm para lhe ensinar. Não recue deste contato com a humanidade, mas experimente ver a beleza debaixo da vulgaridade e da cruzeza. Você deve ser um com a vida humana e nunca conservar-se afastado dela. Viva a vida com seus Irmãos.

VOCÊ ESCOLHE SUA VIDA

Algumas pessoas pensam, que têm de suportar perturbações tais como as do seu quinhão. Elas

sentem que, se elas estivessem em circunstâncias diferentes, poderiam agir muito melhor. Tendo um maior rendimento, por exemplo, mais liberdade, mais lazer, quantos bens poderiam executar. Elas registram com tristeza quanto seus vizinhos, abençoados com a riqueza e conforto que eles invejam, parecem ignorar ou negligenciar as necessidades de seus companheiros.

Crianças queridas, sua vida é governada pela lei, e vocês acham-se exatamente no lugar e nas circunstâncias que vocês escolheram. "Mas isto é um disparate", você dirá. "Eu nunca teria escolhido esta vida"! Isto é discurso do eu exterior, a mente mortal, mas o eu real, o divino espírito interno, conhece as necessidades de sua alma. Pense deste impulso divino como uma luz radiante sempre guiando sua alma no caminho. Nenhum momento de seu tempo necessita ser desperdiçado, ou dissipado. A finalidade total de sua vida e o desígnio atrás de cada experiência humana é o progresso e o desenvolvimento de sua alma. Se você examinar embaixo da superfície da experiência em busca de sabedoria e conhecimento, você acelerará este processo de crescimento e desenvolvimento. Não é o que está acontecendo nos planos exteriores; não são nem as circunstâncias nem as riquezas que você possa ou não ter que importam, mas somente sua reação interior a aquelas circunstâncias, seu relacionamento de dentro para com seu próximo e para com Deus. As circunstâncias de sua vida são verdadeiramente uma forma de iniciação através da qual você está passando diariamente.

Na atualidade um grande auxílio está sendo enviado ao homem. O espírito humano está sendo estimulado por um afluxo de poder e luz e amor do mundo espiritual. Um grande ímpeto varre a humanidade. Alguns têm experimentado a iniciação e sabem que ela traz uma expansão de consciência e fornece uma visão do futuro e o desejo de viver de tal modo que o indivíduo se torne harmonizado com o espírito, de modo que a alma possa mais rapidamente penetrar no reino dos céus.

Entretanto, a média da humanidade permanece ainda inconsciente dos mundos espirituais que interpenetram a vida física. Uma pesada cortina obscurece a visão do homem de modo que, incapaz de registrar o espiritual, ele é consciente apenas das coisas que pode perceber através dos sentidos físicos.

CLARIVIDÊNCIA

O homem permanece, como era, aprisionado no corpo físico existente, porém, estados de vida, no interior do físico, mais sutis e refinados. No nosso ser sétuplo - como já temos explanado - está o corpo etérico, que é uma duplicata, em aparência, do corpo físico, mas formado de substância mais sutil. Invisível à visão física. Este duplo etérico submerge ou interpenetra a totalidade do corpo físico. O corpo etérico consiste de duas partes, uma mais grosseira e uma mais sutil, e opera através do sistema nervoso. Com a morte, a totalidade do corpo etérico é retirada, e a substância da parte mais grosseira, assemelhando-se muito à matéria, logo se desintegra como se desintegra o corpo físico.

Durante a vida física, este duplo etérico forma a ponte entre a alma do homem e os mundos mais sutis. Através desta ponte e via sistema nervoso e dos corpos mental e vital do médium, a alma no mundo espiritual se comunica com a Terra. O tipo de mensagem que chega depende em grande parte do caráter do médium, das circunstâncias de sua vida (dele ou dela), das condições proporcionadas pelo médium, e das condições física ou mental do assistente a quem a mensagem é endereçada.

Interpenetrando o corpo etérico denso existe um veículo etérico mais sutil, que eu chamarei de corpo de luz ou corpo vital, que não somente interpenetra os corpos físico e etérico mais baixos, mas também os veículos mais altos: os corpos mental, intuicional e celestial. Há assim um elo entre cada um dos corpos, pelo qual a luz espiritual do divino pode crescer, através desses vários corpos, até alcançar o corpo etérico mais grosseiro, que liga tudo ao cérebro e ao sistema nervoso.

Quando nós falamos de clarividência, referimo-nos a aquele tipo de visão que é mais comum. Existe muito equívoco acerca da natureza da clarividência. Em algumas pessoas, o corpo etérico mais denso pode estar ligado apenas frouxamente ao corpo físico e sairá com muita facilidade. O plano etérico jaz tão perto da Terra que para uma pessoa desencarnada ele aparece quase tão denso e pesado como a própria substância física. O etérico mais baixo registra quadros e reflete-os para a Terra; algumas pessoas (que podem ser descritas como clarividentes involuntários) podem ver essas formas ou quadros do modo que eles são refletidos no centro do plexo solar. Animais também podem algumas vezes ver deste modo. Em passado distante, antes que o homem adquirisse tal contato íntimo com a substância física densa, a visão involuntária, tal como esta, era comum.

O corpo físico do homem médio não é muito receptivo a influências espirituais. No homem normal, o corpo etérico solta-se com um "click", por assim dizer, ficando o homem daí por diante inconsciente de sua presença (1).

Mas, como nós temos dito, há certas pessoas que possuem um corpo etérico frouxo, que pode sair do físico de modo muito fácil, e resultam então perturbações tais como uma descontrolada clarividência e obsessão. Há uma enorme diferença entre esta clarividência no plano etérico mais baixo e um outro tipo, que resulta do treinamento e uso correto dos centros psíquicos ou chakras no corpo etérico.

Eu descreverei a diferença deste modo: fique à margem de um lago muito tranqüilo e veja o reflexo das árvores e do céu na água. Como é belo o efeito! Mas se o lago se tornasse agitado, este reflexo seria prejudicado. Depois, tudo era somente um reflexo, um símbolo, um jogo de luz e cor. Agora, dirija sua visão para a verdadeira paisagem, as árvores verdadeiras e o céu, e verá algo que é constante, evidente e, para os seus sentidos, real. Esta é a diferença entre a clarividência involuntária, que é um registro pelo corpo etérico mais baixo, usualmente não controlado e sem desenvolvimento; e a clarividência inteligente e treinada que recebe luz ou impulso do plano do espírito divino.

Certas drogas podem desligar o corpo etérico do físico. Um inebriante fará o mesmo, mandando o etérico algumas vezes para um lugar muito infeliz, como é o caso de alguns infelizes do delirium tremens, quando na realidade seu corpo etérico está registrando todas as visões e condições de algum baixo plano astral. Um anestésico também pode fazer sair o corpo etérico. Algumas vezes sua consciência está ativa, mas freqüentemente permanece inativa e não transmite coisa alguma à memória do paciente em seu retorno.

Há uma conexão entre o corpo etérico e alguns dos principais centros psíquicos, na cabeça, na garganta, no coração, no baço, no plexo solar e na base da espinha. Os estudantes de medicina reconhecerão estes centros como pontos focais do sistema nervoso. Estes centros, por sua vez, são conectados com diferentes esferas ou planos da vida espiritual. Eles são como flores com pétalas; quando você começa a desenvolver a consciência espiritual, estes centros quais flores (flowerlike) começam a se desenvolver; eles giram, possuem vida e luz e projetam belas cores. Seus guias e auxiliares reconhecem imediatamente sua posição no caminho evolutivo pela vibração e luz e poder que eles podem visualizar nestes centros.

Alguns de vocês despertaram os centros psíquicos numa reencarnação anterior, e agora que reencarnaram estes centros projetam luz que pode afrouxar a estrutura do corpo etérico e ocasionar o que é descrito como um médium "natural" ou clarividente "natural". O verdadeiro clarividente, entretanto, é alguém que trouxe do passado o conhecimento de como utilizar estes centros do corpo inteligentemente, e pode freqüentemente, desse modo, cumprir grande trabalho.

Nós esperamos que vocês não queiram todos de uma vez começar a tentar desenvolver estes centros! Para fazer isso vocês necessitam de muito mais conhecimento do que nós lhes estamos dando agora. Os centros começam a irradiar quando a vontade e a inteligência os estão dirigindo

para a atividade. Usualmente, o centro que primeiro reage para as coisas que se encontram fora do corpo físico é aquele situado no plexo solar.

Você diz: "eu não posso ver ou ouvir, mas eu sinto". Se você se esforçar para analisar como você "sente", não o saberá. Mas se cuidadosamente examinar o que aconteceu, você descobrirá que o plexo solar experimentou um sentimento "esquisito", e assim você "percebe" que sentiu.

O próximo é o centro frontal, algumas vezes denominado o Terceiro Olho, mas que nós denominaremos aqui o "chakra frontal". Este pode operar de forma metódica sob a direção da vontade do eu espiritual, e permitirá ao médium tornar-se conhecedor das esferas espirituais. A verdadeira clarividência não é aquela visão que sugere que você vê alguma coisa com o olho físico. Clarividência repousa dentro de si próprio. Pode parecer que você está olhando algum objeto no exterior, mas no momento você está examinando profundamente este centro ou chakra qual flor (flowerlike) dentro de si. Entretanto, você pode ser clarividente com seus olhos fechados. De fato, você verá melhor assim. Você dirá, sim, mas tudo aquilo pode ser somente imaginação! Imaginação é um termo usado muito livremente. Imaginação é a porta para a verdadeira visão espiritual.

Não pense que os plexos frontal e solar são os únicos centros utilizados, porque quando você entrar em contato com o plano intuicional ou celestial, você verá não só com o frontal, mas com outros centros: na verdade, todo o ser vê. Quando você alcança este plano, você registra ou reflete verdadeiramente os planos espirituais. Através do amor divino, o centro cardíaco começa a pulsar e irradiar as mais belas cores e luzes e então você se torna consciente da verdade divina, e torna-se um médium ou canal da pura verdade.

CLARIAUDIÊNCIA

Cada pessoa pode, pelo treinamento, tornar-se clariaudiente até certo ponto, pelo menos. A clariaudiência está governada por regras semelhantes àquelas esboçadas para a clarividência.

Nos recém-nascidos, a audição é o primeiro sentido adquirido, depois o tato, em seguida a visão. Observe isto, porque tem relação com o desenvolvimento espiritual. Há um velho dito hermético "Tal como em cima, tal é embaixo; assim como é embaixo, tal é em cima" e a experiência ensina-nos a verdade disto em ambos os sentidos, esotérico e exotérico.

Muitos pensam que se eles ouvem o que é conhecido nos círculos espiritualistas como voz direta, eles estão obtendo uma mensagem clara e pura dos seus amados no mundo espiritual, porque nenhum instrumento humano é utilizado. Mas isto não é assim, pois a voz percebida pelo assistente, embora aparentemente não tenha conexão com o físico, é de fato produzida pela garganta e órgão vocais etéricos do médium. Assim a voz direta, embora percebida por um sentido físico e aparentemente não relacionada com os órgãos da fala, necessita do corpo etérico do médium a fim de produzir som e pode, dessa forma, ser matizada pela mentalidade do médium.

Nesses casos o centro laríngeo do médium é utilizado. Este centro está imediatamente relacionado com a clariaudiência. Você pode testar quando estiver meditando. Concentre no seu centro laríngeo e você se surpreenderá escutando, e quando tiver aprendido o poder do silêncio, a quietude do espírito, ficará maravilhado em descobrir que sua audição espiritual se intensificou.

À parte da clariaudiência do tipo etérico já aludida, consideremos a clariaudiência espiritual, o poder de ser receptivo aos sons sagrados ou vibrações do mundo do espírito puro. Todos podem se tornar receptivos à voz do espírito puro; ela fala em uma pequena e tranqüila voz interior, a voz da consciência.

Vocês não acham estranho que embora vocês todos almejem ouvir a voz do espírito, provavelmente a última coisa que querem ouvir é a voz da consciência? Vocês, com muitas desculpas, silenciam-na; mas amadas crianças, no escutar essa voz se fundamenta o caminho verdadeiro para a clariaudiência, ou "claro ouvir".

Quanto mais severos vocês sejam, consigo, com o eu exterior, a mente externa, subjugando a personalidade de modo a que a voz interior ou a voz da consciência possa ser ouvida, mais rapidamente vocês progredirão à clariaudiência.

Vocês poderiam se considerar como uma caixa de ressonância capaz de responder às vibrações dos mundos elevados. A mente pode interpretar o som de dentro do silêncio, que vem a vocês do mundo do espírito puro, e do mundo astral elevado. O primeiro passo é aprender a escutar. Não tema, ignore ou silencie aquela voz interior. Admita-a; receba-a com alegria. Admita-a mesmo qual ido ela lhe diga que você está errado. Seja grato ao fato de que você possa reconhecer a voz da consciência, pois através dela você desenvolverá uma caixa de ressonância tão genuína que vocês ouvirão os anjos cantarem!

As coisas espirituais podem ser ouvidas com os ouvidos físicos? – vocês perguntam. Nós dizemos: vocês ouvirão dentro de suas gargantas e de suas cabeças. É difícil comunicar o que queremos dizer, mas a voz, os sons, as harmonias tornar-se-ão eventualmente mais definidos até que os sons do plano físico. É possível para vocês, quando ainda na carne, serem tão elevados em consciência de modo a ouvirem claramente as melodias dos Planos mais elevados e, enquanto estiverem nesse estado, estarem surdos aos ruídos no plano físico.

Pode lhes interessar saber que os pensamentos podem ser de fato ouvidos, porque eles geram uma vibração no plano mental da vida. No mundo oculto, em todos os graus do plano astral, um pensamento produzido será captado instantaneamente pelo auxiliar do discípulo determinado. Um pensamento seu para o seu guia será verdadeiramente ouvido.

PAZ ESPIRITUAL

Vocês concebem o balbucio terrível no plano etérico, tão próximo ao físico? Imaginem sintonizar seu aparelho de rádio e captar do éter cerca de uma vintena de estações ao mesmo tempo! Vocês podem imaginar a confusão? Os pensamentos da humanidade criam barulho - barulho, e não som. Somente nos planos espirituais de harmonia podemos chamar as vibrações de som, ou música. Então, imaginem ultrapassar esse balbucio inarmônico, rude e confuso, e ir para cima, em direção aos planos da vida espiritual, cada um mais harmonioso e delicado, até que atingimos as verdadeiras esferas de harmonia. Nesses planos, há música na atmosfera; o próprio vestuário dos habitantes vibra harmonia e melodia.

Vocês podem apreciar a beleza em algum pequeno grau? Vocês podem adquirir o poder de sintonizar cora aquela orquestra divina. Mas esse não é simplesmente um dom físico, é um dom da alma; está dentro de vocês. Vocês podem adquirir o poder de ouvir com maior clareza e correção, do que é possível no plano físico. Mas primeiramente deve haver harmonia, deve haver pureza, deve haver amor interno.

Vocês estão sempre envolvidos pela emanção espiritual, pela força espiritual que se irradia da aura do Cristo, que veio do Deus Pai-Mãe para proteger, purificar e iluminar o caminho para todas as crianças de Deus. Vocês não podem permanecer fora dessa vida do Filho, o Cristo. Enquanto a humanidade se contorce em agonia, enquanto almas sombrias infligem sofrimento e almas ignorantes sofrem, recordem-se sempre que vocês são um canal através do qual Cristo pode atingir outros e iluminar a escuridão deles.

Isso jamais será alcançado apenas através da oração, mas somente pelo fortalecimento do seu espírito, pelo crescimento da mente divina em vocês, pela radiação de boa vontade e paz do seu

coração; não meramente uma crença em que a guerra é terminantemente errada, mas uma paz, que pode lhes guiar durante o dia placidamente, até alegremente, uma paz que permanece imperturbável no meio do conflito físico, exatamente como o Mestre ensinou através do assim denominado milagre em que acalmou a tempestade. O Mar da Galiléia representa o corpo da alma agitado pelos elementos exteriores. O Mestre, adormecido no barco, ou no coração (do ser) do homem, levanta-se e quieta a tempestade; pois não é Ele o Mestre, o comandante? Ele é paz.

É isso que queremos dizer com o serem pacíficos, viverem em paz. Vocês necessitam de uma realização contínua de seu relacionamento com Cristo, com o Deus Pai-Mãe Sintam a paz que os anjos de Cristo trazem. Não pensem em paz como uma condição puramente negativa, pois as profundezas da paz contêm as forças criativas do universo, e as palavras do som poderoso do silêncio. A Paz é dinâmica tanto quanto o Amor e a Sabedoria são dinâmicos: todos esses atributos espirituais estão impregnados com poder, um poder inatingível sem quietude da mente e da alma.

(In "Spiritual Unfoldment I" do espírito White Eagle pela médium Grace Cooke, Liss (Inglaterra), The White Eagle Publishing Trust, 1972).